

# *As Novas Histórias de Amor*

- Crônicas e Entrevistas -

GOIÂNIA  
EMPRESA  
E VERSO  
COLEÇÃO



SECRETARIA DE  
**CULTURA**  
Prefeitura  
**Goiânia**  
*O trabalho que você vê*



Editora da UCG

Pró-Reitora da Prope  
Presidente do Conselho Editorial  
Profa. Dra. Sandra de Faria

Coordenador Geral da Editora da UCG  
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Regina Lúcia de Araújo  
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elane Ribeiro Peixoto  
Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz  
Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli  
Escritora Maria Luisa Ribeiro  
Ms. Heloísa Helena Campos Borges  
Escritor Ubirajara Galli  
Jornalista Iúri Rincon Godinho



Editora Kelps

Presidente  
Antônio Almeida

Coordenadores da Editora Kelps

Ademar Barros  
Waldecir Barros  
Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Abrão Rosa Lopes  
Escritora Sandra Rosa  
Escritor Brasigóis Felício  
Prof. Alaor Figueiredo

*Nádia Timm*

*As Novas Histórias de Amor*

- Crônicas e Entrevistas -



Goânia, GO  
2009

Copyright © 2009 by Nádía Timm

**Editora Kelps**

Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon  
CEP 74.560-460 - Goiânia - GO  
Fone: (62) 3211-1616  
Fax: (62) 3211-1075  
E-mail: kelps@kelps.com.br  
homepage: www.kelps.com.br

**Comissão Técnica**

Sandra Rosa  
*Diagramação e revisão*  
Laerte de Araújo Pereira  
*Projeto Gráfico e arte final da capa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
**BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO**

Timm, Nádía  
As novas histórias de amor./ Nádía Timm. -- Goiânia: UCG/Kelps, 2009

104p. (Coleção Goiânia em Prosa e Verso)

ISBN:

1. Literatura brasileira - crônicas. 2. Entrevistas. I. Título.

CDU:

**DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2009

*Para o Ser que mostra o caminho da Luz,  
as profundezas da Energia e o Universo do Amor.*



## *Sumário*

A Fodona .....	9
Jiboia Zen.....	11
<i>ZZZzzzz</i> .....	13
Cultura Caipira – Entrevista com Álvaro Catelan .....	15
Amar de Paixão.....	23
A Poderosa de 3ª .....	25
À Francesa ou O Amante .....	28
Magias da Vida .....	30
O Nobel Português – Entrevista com José Saramago .....	32
Celeste .....	36
Sauros e Goianossauros .....	38
A Namoradeira Virtual.....	41
A Nave.....	43
Os Poetas-Inventores – Entrevista com Augusto Campos ...	45
A Carta .....	49

Papo de Mulher.....	52
Por que Casou? .....	55
O Encontro.....	59
Revolução Tropicalista – Entrevista com Rogério Duarte.....	62
Feridas Abertas por Amores (e Políticos) Contrariados .....	78
O Cara Carioca .....	83
O Homem-Bomba.....	85
A Floresta Encantada – Entrevista com Gringo Cardia .....	87
Às Mães. Mãe! .....	92
Folias de Amor e Guerra .....	94
Artistas de Plástico .....	100
A Dança da Flor de Lótus.....	102



## *A Fodona*

Naqueles dias, ela estava com muito tesão. Mais do que o costume, caía na gargalhada com qualquer gracinha besta. Agitava-se atrás de sua grande mesa de chefe. Balançava os balangandãs do pescoço e das orelhas como uma cascavel sacudindo o rabo, pronta para o bote. A vítima era seu pobre, talentoso, gago e feio pseudoamante. Um músico tímido que mal se aguentava em pé nas manhãs quentes, após uma noite de cerveja e cantorias em qualquer boteco do Centro. Ela não perdoava seu murcho e ressaqueado amor. Exigia atenção às suas palavras e insultos naquelas lindas manhãs goianas, quando o Sol estala nas retinas. Não, claro que não desculparia o infeliz, F tinha tesão e não escondia isso de ninguém. Aos berros, comunicou às funcionárias da sala, do prédio, para os quatro cantos da cidade:

– Quero trepar!

Torcia a boca, cruzava as pernas e alisava as coxas.

Do outro lado da mesa, o pobre músico se esforçava para dizer uma frase, sem tropeçar nas sílabas, tentando levantar o tom da voz. Inaudível, intraduzível... Era um gemido profundo e extenuado de alguém levado ao sacrifício máximo. Um animal entregue ao abate dos urubus, no caso, da *urubua*. Por duas vezes, ela conseguiu arrancar prazer daquelas carnes sem energia.

– Duas vezes, em um ano! – proclamava, e a voz escorria pelos corredores entediados como um rio de deboche e loucura.

Depois, começava a se queixar de dinheiro. Primeiro, sexo,

depois grana, no velho enredo sadomasoquista que todos da repartição se acostumaram a assistir e odiar. Aí, como dona do pedaço, assumia ares de galo no galinheiro abanando as asas, exibindo a crista, a coroa invisível que julgava adornar sua majestosa cabeça de rainha da cocada. Às funcionárias – mocinhas com aquele olhar esbugalhado de medo explícito, pálidas de pavor, ojeriza, algumas até com sinais de taquicardia – anunciava, ao se levantar da cadeira de plástico de chefona:

– Vou mijar!

E lá ia ela ao banheiro. Alívio para todas. Quando voltava, o tema recorrente era a história de sua medíocre vida, seus casamentos, maridos infames, namorados poderosos, seu *sex appeal* mais exuberante, luxuriante jamais visto em qualquer lugar do mundo ou na história da humanidade. Sempre repetia o script, gostava de falar de sua vagina de 53 anos, ainda sem sinal de menopausa, ainda lúbrica e macia, seus mamões sensacionais, sua inteligência e erudição superiores... Era a Super Fodona.

Agora a SF está de férias. Uma brisa de paz e conforto psicológico paira na Secretaria. De vez em quando, telefona ou aparece para tentar criar uma onda de pânico. Mas é marola, ela não é concursada. Depende de passar a lábia ou a língua em algum político babaca. A lembrança de sua figura não assombra mais, é motivo de gargalhadas, ótimas piadas. Ficou uma saudade da personagem que se não existisse, precisaria inventá-la... Ei, calma. Só estou dizendo isso para o próximo capítulo ser mais picante e real. A Fodona não vem aí... Se vier, eu conto, outra vez.

## *Jiboia Zen*

Ela escreveu: “Ainda que tivesse todo o tempo do mundo, seria pouco. Ainda que o mar, os abismos estivessem no quintal e entre o céu e a Terra houvesse um vão que cortasse o planeta ao meio. Ainda que a Terra virasse gelo ou fogo na explosão solar, sob o olhar de algum Deus... Ainda assim, olhando teu retrato no monitor do PC te sinto e me rendo ao amor”. Fechou o computador e foi se deitar.

Naquela tarde, ela jiboitava. Era o efeito do amor. Estivera com o amado e se derramado a tarde inteira, entregue às sensações do corpo. Sentia-se nas nuvens, vibrando, em voo, feito um anjo cheio de ardor no teto da capela. Alimentada, digerida o gozo. Plena, feliz, viva. Podia começar a guerra mundial, nada lhe tiraria aquele maravilhoso efeito. A digestão do prazer, devagarzinho.

A languidez atravessava os dias e noites, esparramava-se feito espuma de ondas no mar calmo. Distante de Beirute incendiada, além dos bombardeios de Bagdá. No coração do Brasil, ela era a jiboia saciada que engoliu o amor e subiu aos céus. Serpente voadora, enrodilhada nas galáxias, boiando no nada cósmico, absoluto prazer do ser. A noite silenciosa abria espaço para os enlevos do coração. No corpo, ainda havia sinais de que o bem-amado a visitara. O perfume e um rastro de delicadezas, de toques sutis permaneciam reverberando, ressoando feito um gemido em uma caverna, ecoando sons do êxtase.

O que seria possível dizer? Como explicar aquele brincar de amor que se desdobra entre lençóis e no silêncio da paz, sempre é

mais, gozo renovado. Ao acordar, lembrou de uma fresta do sonho: quem seriam aquelas pequenas criaturas, com olhos de cristais, a espiarem entre as folhas da jaqueira? Flutuavam e emitiam delicados sons, canções em zunidos, zumbidos doces de colibris.

Só haveria espaço para o que fosse real. No palco da vida havia vida sim, profundidade do amor, verdade, essência. Palavras que perfumam feito flores e frutos. Mas quem eram aqueles seres que serpenteavam nos muros, feito minidinossauros, miniaturas de dragões, lagartos velozes a espionar o sono? Bichos de quintal, da floresta encantada de sua infância, da Floresta Negra, na Europa esquecida nas fotografias dos avós. Ainda sonhava. Novamente, tinha fome do corpo dele. O desejo de amar traz a alegria de viver. Fazer amor, versos e silêncios. O dedo desenha no ar a espiral do prazer. O traço invisível ensina o simples circular do movimento da energia.

Para cima ou para baixo, depende do quê? Depende – diz ele, o Amado – de abandonar conceitos e preconceitos. Depende da entrega aqui e agora. Sua ação é silenciar, repete. Ela espia o teto branco e fecha os olhos. Enrodilhada no corpo dele ainda sente o movimento, o calor, os líquidos, o fogo invisível. Expande mais, flutua e relaxa. Logo, a jiboia adormece. A tarde é quente.

ZZZZZZ

Naquele dia, Zamonik não queria caçar. Ficou com as mulheres na aldeia, fumando seu cigarrinho, quieto, ouvindo os pássaros e as conversas. A noite anterior foi de muita dança, bebedeira e cantoria. Agora, queria ficar mornando, no sossego da sombra da frondosa mangueira.

Estava com preguiça até de conversar. Quando o Sol chegou a pino, e a paisagem caiu numa modorra só, abriu a boca para um longo bocejo. Tão grande, que engoliu a tarde. A noite chegou de estalo com sua brisa, véu escuro, cheia de sombras. Zamonik gostou da ideia de dormir novamente, mas os sapos tinham outros planos. Prepararam uma rede fina e forte e jogaram sobre o guerreiro. Ele nem percebeu.

Quando acordou, custou a entender. Estava dentro de uma espécie de aquário. Do lado de fora, seres imensos de cabeças verdes, afuniladas, espiavam seu despertar. Zamonik achou que tinham cara de lombriga. Sorriu quando percebeu que lhe pediam para dançar. Ele fez uma pirueta, um salto para frente e uma cambalhota para trás... E aquela gente piscava, uma luz verde tremelicava em seus olhinhos nojentos...

Que vida boa aquela, vida em eterna festa. Pareciam baianos. Nem precisava caçar... Bom não precisar mais olhar a cara daquele povo da aldeia. Sorria, ao lembrar que estava livre dos salamaleques de gente doida para usar seus préstimos de homem habilidoso, culto e inteligente. Preferia aqueles lumbrecoides às

peessoas com quem tinha convivido até pouco tempo. Gente muito chata, sempre com medo de alguma coisa. Gente sem imaginação, sempre maledicente, reclamando da vida, com mania de doença e de olho na vida dos outros.

Um dia, trouxeram uma mulher para Zamonik. Era uma moça bem bonitinha, com longos cabelos negros e olhos amendoados. Ele se encantou, até esqueceu do público em volta, e tratou de conquistar o coração dela. Parou de contar os dias, mandou a melancolia embora e ensaiou algumas canções. Cantarolou, assoviou, imitou lobos e onças. Fez tudo que lembrou dos costumes tradicionais para impressionar Ralik. Nem a dança do acasalamento funcionou.

Ralik era muito menina e ignorava seu comportamento. Na verdade, Ralik só tinha um interesse. Queria fugir e passava o tempo medindo as distâncias e fazendo cálculos. Começou a juntar folhas de bananeiras e colocá-las para secar. Depois, fez tiras e começou a trançá-las. As mãozinhas não sossegavam e só depois de preparar uma espécie de tapete ela parou. Dormiu muito tempo. Acordou com fome e comeu muitas jabuticabas.

Ninguém mais soube dela.

Os lombricoides ficaram com os olhos vermelhos ao perceberem a fuga. Zamonik quase teve um colapso, não entendia porque Ralik não contou seu plano, nem quis fugir com ele.

*Moral da história: em terra estranha, mais estranho é quem dança e mais esperto é quem não cai nas armadilhas do coração...*

## *Cultura Caipira*

### - Entrevista com Álvaro Catelan -

Atendendo aos pedidos dos internautas, várias vezes esta entrevista com o professor Álvaro Catelan foi destaque na eNT Revista Eletrônica, na Web. Figura de alma apaixonada, mestre de alto-astral que conheci nas aulas de Literatura – no segundo grau, às vésperas do vestibular para Jornalismo, em 1978 – Catelan há décadas se dedica a pesquisar a Cultura Popular do Brasil e escreveu vários livros sobre o assunto.

Durante anos, ele produziu e apresentou um dos melhores programas de rádio do País, chamado “Cantos do Brasil, Recantos de Goiás”, que foi abruptamente encerrado numa mudança de poder no governo estadual, quando medíocres foram substituídos por outros mais insignificantes ainda.

Nesta conversa, superacessada pelos internautas, Álvaro Catelan, além de falar sobre o tema, analisa porque a Música Caipira está viva no coração do brasileiro, como sua beleza e poesia estão sendo redimensionadas pelas novas gerações e lembra nomes que conquistaram o público sem usarem os artifícios da indústria cultural.

**NT - Qual a relação da Música Caipira com a contemporaneidade?**

**AC -** O escritor goiano Pedro Gomes escreveu, certa vez, que a moda de viola era o jornal do sertão. Claro que essa era a visão de

sua época. Era uma visão relacionada ao universo da comunicação e de sua relação com o homem do interior.

Muitos anos se passaram, aconteceram grandes mudanças de ordem social, no entanto, o homem brasileiro, que tem consciência da importância de sua identidade cultural, jamais vai abandonar suas raízes, as raízes culturais de seu povo.

Em razão dessa consciência é que a Cultura Caipira está cada vez mais presente entre nós, mesmo nos grandes centros através de espetáculos que nos remetem a esse passado distante, ou por intermédio de uma marcante safra de jovens violeiros que cada dia mais mostra a sua cara e talento.

Não gosto de falar em causa própria, no entanto, apresento um programa de rádio com música caipira, pela RBC-FM, em Goiânia, que tem primeiro lugar em audiência no horário.

Outra prova é o espetáculo, Puro Brasileiro, um resgate da cultura caipira, com produção de Marcos Fayad, que faz sucesso tanto no Brasil, quanto no exterior.

#### **NT - E com a identidade do brasileiro?**

AC - No universo temático da Música Caipira, o que prevalece é a Saga dos Boiadeiros, Tropeiros, Carreiros e Lavradores; o Misticismo; o Anedotário Caipira e, finalmente, as estórias trágicas de Amor e Morte (“Cabocla Tereza”, por exemplo).

Assim, a temática dessas canções está ligada frequentemente aos problemas da comunidade rural, seu comportamento, seu trabalho, sua religiosidade, seu lazer, seus reflexos socioeconômicos, em síntese, reflete o universo interior do homem brasileiro, sobretudo, do interior, mesmo porque tais canções traçam o perfil e a identidade da gente brasileira.

#### **NT - Por que o Centro-Oeste do Brasil se tornou um polo irradiador?**

AC - Pelo fato de sermos uma região central e, durante muitos anos distante dos grandes centros urbanos e de sua modernidade, penso que isso nos possibilitou criar uma cultura mais pura, isenta



de tantas influências responsáveis pela adulteração dos costumes de nossas comunidades.

Sendo assim, produzimos uma música, cultivamos tradições como Folias, Congadas, Cavalhadas e outros folguedos com maior grau de autenticidade, originalidade onde foram preservados, em alguns casos, elementos da Cultura Indígena, em outros, da Cultura Negra.

Temos que considerar, ainda, a riqueza e diversidade da cultura do Centro-Oeste, em Goiás, por exemplo, encontramos centenas de manifestações da Cultura Popular. É muito bem provável que isso tenha nos dado a condição de um polo irradiador, que continua ainda hoje por meio de outras manifestações culturais também.

**NT - Quais são as características da Música Caipira? O que deixa por herança?**

**AC** - A Música Caipira é a mais pura expressão do homem do interior presa ao modo do ser e do fazer de uma comunidade. A autêntica Música Caipira tem como referencial o seu próprio mundo de trabalho, lazer, religiosidade, etc. Está presente na dança da Catira, na Folia de Reis, Folia do Divino, Cururus etc. Mesmo a Moda de Viola, denominação genérica do canto rural profano, não aparece senão acoplada a esse universo temático.

O legado da Música Caipira está, principalmente, na permanente busca do reencontro com as nossas raízes culturais quer na música, no cinema, através de documentários ou, ainda, por intermédio de nosso rico artesanato.

**NT- O êxodo rural, contribui para alterar os parâmetros deste gênero musical?**

**AC** - Sim, é claro. O homem rural ao chegar na periferia das pequenas ou grandes cidades é tomado por um sentimento de nostalgia, saudade da vida do campo. Fragilizado, assume comportamento, influências daquele universo sociocultural, fator decisivo para a alteração daquela cultura original.

O próprio rádio, enquanto veículo de comunicação, contribuiu muito também para esse processo de transformação e perda de

identidade. É interessante observar, também, que esse homem egresso do campo leva consigo para as periferias das cidades a sua cultura.

Com ele vai o “artesão”, o “violeiro”, o “folião”, por isso mesmo temos até hoje, na periferia de muitas cidades, a presença de grupos de Folias de Reis ou do Divino.

**NT - E o inverso... De que forma a Música Caipira influencia a Música Urbana?**

AC - Se aqui entendermos por Música Urbana, como a “música sertaneja urbanizada” devemos dizer que essa “música sertaneja urbanizada” foi recriada a partir da Música Caipira, extraindo inclusive alguns de seus elementos básicos do ritmo, da temática e da forma de cantar em duplas. Só que, ao contrário da Música Caipira, “a música sertaneja urbanizada” está voltada muito mais para o lucro, para o forte apelo da indústria cultural.

**NT - Como avalia o papel da indústria cultural nas últimas décadas?**

AC - Ninguém poderá jamais ignorar a força e penetração da “música sertaneja urbanizada”. Para muitos, a expansão desse tipo de música deve-se, principalmente, a uma dinâmica de marketing, uma estratégia de se criar costumes e hábitos, criando, assim, uma estratégia que envolve sempre lucro e criação e por fim o comprometimento da qualidade do produto artístico.

Atualmente, televisão dá uma atenção muito especial às produções de programas de “música sertaneja”, assim como os espetáculos das “duplas sertanejas” ganharam um formato de superprodução.

**NT - O Modernismo no Brasil, no início do século XX, buscou as fontes do mundo rural para as criações artísticas. As novas gerações estão redimensionando a Música Caipira? Quais são as perspectivas?**

AC - Vale dizer que na década de 20, Mário de Andrade destacou-se também como um incansável pesquisador e incentivador da Cultura Caipira, do folclore brasileiro. Hoje, modernamente,

existem alguns movimentos isolados, alguns por meio da televisão através de produções regionais e, outras manifestações acontecendo em São Paulo, no SESC - Pompéia, outras iniciativas sendo tomadas no Nordeste do Brasil, especialmente, em Pernambuco, sob a orientação de Ariano Suassuna e seus seguidores, como Antônio Nóbrega e outros. De um modo geral, as perspectivas são positivas, creio que devemos acreditar, discutir e, se possível apoiar.

**NT - Quais trabalhos você desenvolveu e desenvolve sobre o assunto?**

AC - Mantive, durante dez anos, um programa na Rádio Difusora de Goiânia, “Goiás, Canto da Gente”, que era na verdade uma produção para a Fundação Roquete Pinto e para a FUNTEVE. Mais tarde, desenvolvi outro projeto similar na Rádio Brasil Central –AM. Atualmente, desenvolvo a mesma ideia através do programa, Cantos do Brasil, Recantos de Goiás, pela RBC-FM. Em termos de livros, publiquei *Ensaios Reunidos – Cultura Popular* (Editora Cultura Goiana), mais tarde publiquei *Viola Caipira, Viola Quebrada* (Kelps) e, mais recentemente, lancei, em parceria com o escritor Ladislau Couto, mais dois volumes: *Mundo Caipira* (Ensaio, Kelps), e *De Repente, a Viola* (Ensaio, Kelps), uma publicação da Prefeitura de Goiânia/Secretaria Municipal da Cultura.

**NT - Como surgiu seu interesse pela pesquisa da Música Caipira?**

AC - Primeiramente, quero dizer que nasci e passei até a adolescência, no interior de São Paulo, região de São José do Rio Preto, uma região com fortes traços da cultura caipira. Em nossa casa, por exemplo, todos os anos havia pouso de folia de Santo Reis, acompanhando de jantar e cantoria. Mais tarde, já em Goiânia, na década de 80, quando estava cursando o mestrado em literatura brasileira, na UFG, o professor Ático Villas Boas sugeriu que eu fizesse minha dissertação abordando a Literatura de Cordel ou a Música Caipira.

A partir dessa ideia, dei início a várias leituras e pesquisas em torno da cultura popular, enfocando, particularmente, a Música Caipira. Depois, veio o projeto da Funteve, pela rádio Difusora de Goiânia, uma série de artigos para jornais abordando o mesmo tema. Mais tarde, fui convidado por Rolando Boldrin e sua equipe para participar em São Paulo do projeto de definição do perfil do programa Som Brasil, da Rede Globo e por aí vai.

**NT - Quais as dificuldades para investigar o tema?**

AC - Já foi mais difícil. Hoje você tem maior abertura em termos de acesso e contato com pessoas ou grupos. As maiores dificuldades eram tanto de ordem geográfica quanto social. Lembro-me muito bem das dificuldades encontradas quando fiz a pesquisa sobre Rezadeiras e Cantadeiras de Ladainhas.

Depois, sobre benzedores de cobra, na região norte de Goiás, assim como quando fiz outra pesquisa sobre Folias do Divino, na região de Planaltina de Goiás, ou em Mato Grosso, no entorno de Cuiabá, pesquisando sobre o Cururu. Geralmente as pessoas, os grupos eram muito “fechados” no repasse de informações.

**NT - O que considera mais fascinante?**

AC - O mais fascinante é sempre a descoberta, o encontro, o contato humano com aquela gente, muitos em completo estado de pureza. Lembro-me da dificuldade para encontrar, na região de Porto Nacional, alguém que ainda conhecia e praticava a Dança do Tambor. Da mesma forma, foi encontrar um grupo que dançava a Dança da Curradeira, na região de Porangatu. Esse encontro é sempre muito rico. Sempre vale a pena.

**NT - Quais músicos e canções indica aos internautas interessados em conhecer o melhor da Música Caipira?**

AC - De Cornélio Pires até Paraíso, passando por João Pacífico, Raul Torres, Tedy Vieira, José Fortuna, Tião Carreiro, Lourival dos Santos, Donizetti Santos e vários outros podemos elaborar uma enorme lista na qual aparecerão grandes poetas, muitas vezes, autores de uma música bastante singela, porém muito natural, revestida com

as formas e temas das coisas mais simples e mais belas que formam o vasto painel da cultura brasileira.

São letras que não demonstram erudição, mas revelam uma arquitetura simples, pura e ingênua que trazem à tona muita emoção através de belíssimas imagens poéticas. São músicas falando do sertão, da roça, do amor, da saudade, do humor e das tristezas e, ao mesmo tempo, revelando um Brasil em preto e branco, bucólico e sentimental.

A poesia dos pousos de boiadas, dos antigos tropeiros, do velho carro de bois é a poesia que se faz presente nessa música de inspiração rural; em nossa música caipira, em nossa música sertaneja de raiz que se revela através do Cururu, do Cateretê, da Moda de Viola, da Querumana, do Pagode ou da Toada.

A lista: Anacleto Rosa Júnior, Angelino de Oliveira, Ariovaldo Pires, Athos Campos, Carlos Erba, Cornélio Pires, Dino Franco, Donizette Santos, Goiá, Jesus Belmino, João Pacífico, João Torres, Joel Marques, Lourival dos Santos, Luis de Castro, Moacir dos Santos, Nono Basílio, Ostecrino Lacerda, Palmeira, Paraíso, Pedro Bento, Redy Vieira, Serafim Colombo Gomes, Sulino, Tião Carreiro, Tião do Carro, Zé Carreiro, Zé do Rancho, Zé Fortuna.

Músicas e Autores: “Cabocla Teresa”, de João Pacífico e Raul Torres; “Mágoas de Boiadeiro”, de Índio Vago e Nonô Basílio; “Chico Mineiro”, de Tônico; “Esteio de Aroeira”, de José Fortuna; “Saudade de Minha Terra”, de Goiá; “Travessia do Araguaia”, de Dino Franco; “Couro de Boi”, de Palmeira e Teddy Vieira; “Menino da Porteira”, de Teddy Vieira; “Recordação”, de Goiá; “Tristeza do Jeca”, de Angelino de Oliveira; “Mourão da Porteira”, de Raul Torres e João Pacífico; “Lembranças”, de José Fortuna; “Peito Sadio”, de Raul Torres e Rubens Ferreira Bueno; “Pagode em Brasília”, de Lourival dos Santos e Teddy Vieira; “Rei do Gado”, de Teddy Vieira; “Chico Mulato”, de Raul Torres e João Pacífico; “Índia”, de Flores e Guerreiro, na versão de José Fortuna; “Boi Soberano” e “Ferreirinha”, de Carreirinho; “Encantos da Natureza”, de Luis de Castro e Tião Carreiro; “Brasil Caboclo”, de

Tonico; “Amargurado”, de Dino Franco e Tião Carreiro; “O Mineiro e o Italiano”, de Teddy Vieira; “Cavalo Enxuto”, de Lourival dos Santos e Moacir dos Santos; “Viola Cabocla”, de Tonico e Piraci; “Boiada Cuiabana”, de Raul Torres; “Disco Voador”, de Palmeira; “Rio de Lágrimas”, de Piraci, L. dos Santos e Tião Carreiro; “João Boiadeiro”, de Moreninho; e “A Volta do Boiadeiro”, de Sulino.

**NT - Gostaria de acrescentar mais alguma questão? Por gentileza, deixe os dados e o contato aos interessados em adquirir seus livros.**

AC - Suas perguntas foram muito precisas e abrangentes, portanto, dou-me por satisfeito. Os nossos livros sobre Cultura Caipira podem ser encontrados na livraria da Universidade Católica de Goiás, Área I, Setor Universitário, em Goiânia.

**NT - Obrigada pela entrevista. Valeu!**

AC - O prazer foi meu poder participar de um trabalho tão significativo como esse que você e sua equipe desenvolvem.

*(Entrevista publicada na eNT Revista Eletrônica, [www.nadiatimm.com](http://www.nadiatimm.com), desde 17 de outubro de 2007).*

## *Amar de Paixão*

O que é certo no amor? Só sei que fez loucuras em nome dele, muita besteira mesmo. Já amanheceu encolhidinha, sentada no degrau da porta de casa, tomou porres, usou drogas, dançou na chuva, choramingou, gemeu, gritou, roubou namorados e maridos de outras.

Até se matou, calma, quero dizer, em sentido figurado, porque se anulou e fez coisas absurdas como jogar fora empregos e estabilidade de relacionamentos. Melhor definir como uma quase morte, para não exagerar tanto, uma espécie de autossabotagem... Ficou por um fio, vulnerável. Sua vida, o caos. Ganhou fama de leviana, maluca, puta. Muitas vezes, achou que tinha encontrado o grande amor. Aquela sensação prazerosa do êxtase, da entrega plena, a confundia.

A intensidade da emoção gerada no seu corpo, o calor, diagnosticava a tal vibração como paixão. Teve grandes ilusões. Custou a perceber que eram miragens, a maioria malditas, infelizmente. Levou muito tempo até descobrir que aquele fogo que via no outro, no personagem amado, era imagem refletida de sua imaginação. O outro era a vítima do momento, do estado de paixão. É isso, vítima.

Duvida? É porque você não sabe o que alguém passional é capaz de fazer quando está em surto. Ou sabe? Quanto sofrimento amar a paixão! Quando se lembra dos vexames, sente vergonha. Tantas lágrimas, cenas de ciúme, crises de insegurança. Demorou a reconhecer o sintoma. Custou a admitir que a fonte fosse o medo, o medo de ficar só.

O incrível é que isto estava descrito em bilhetinhos, versos, cartas, e-mails que guardou. Explícito no melodrama dos textos piegas, às vezes estava nas entrelinhas. Paixão é assim, é se entregar à fantasia, ao delírio. Fernando Pessoa estava certo! Cartas de amor são ridículas.

Mas isso só se percebe depois. É cair na real e medir o prejuízo. É colocar na balança o coração: sentimento infantil versus tanta porrada, geralmente a indiferença do outro. É o preço do muso. Eles não são melífluos, doces, suaves, como a versão feminina.

Há mel, claro, e muito fel. Amá-lo é armadilha. Uma dor que mutila a alma, destrói emocionalmente. É a espada afiada, rápida. Desenho no espaço que joga no abismo de versos inúteis. Depois, quando tudo acaba, ainda não é o final e recomeça de outro jeito. Outro desatino, devaneio romântico. É o encanto provocando novos poemas, canções, sonhos, crônicas, papos entre mulheres, segredos entre amigas. O certo é que, sem o muso, o tal amado, a vida e a poesia não têm a menor graça.

*(Tradução da crônica “Amar de Paixão”, da antropóloga Mary Stanley publicada dia 4 de março de 2002, no Jornal de Lisboa. A renomada pesquisadora tomou veneno dia 31 de dezembro de 2004, em Nova York. No bilhete de despedida, endereçado ao ex-namorado, Mark Rouaud, pediu perdão por não suportar o fim do romance e lhe deixou seus livros, DVD’s e discos. O legado inclui um gato angorá chamado Passion.*

*Mark Rouaud está em Faluja, no Iraque. Seu projeto é voltar para os EUA e escrever um livro sobre os crimes de Guerra e o genocídio que testemunha. Ele fotografa torturas aos prisioneiros e as divulga na Internet. Pretende desertar e se aliar aos guerrilheiros. Está apaixonado por Nadja Rawin, médica da Cruz Vermelha).*



## *A Poderosa de 3ª*

Era uma mulherzinha muito feia. Tanto quanto um personagem dos Simpsons, com aquela boca pontuda. Um bico que usava muito para bicar a vida alheia, ciscar o chão atrás de mesquinhas, de pequenas maledicências, cantar de galo ou cacarejar insultos e infâmias. Era baixinha e a bunda enorme. Não tinha sido apresentada ao desodorante, e sua presença na repartição provocava narizes torcidos, enjoos e vertigem nas almas sensíveis. Vestia-se com simplicidade masculina, admirava tanto o universo dos ‘cabra-machos’ que usava o tom de voz grave, gutural, de quem tem testosterona aos quilos e está pronta para dar um soco na boca de quem se atreva.

Estava sempre ressentida, injustiçada pelo chefe de plantão. Achava-se dona da verdade, da cultura municipal, a profissional do ano. Sentia-se a paladina da justiça e queria fazer justiça pelas próprias mãos. Ou melhor, o que considerava adequado aos seus interesses. Gostava de arte acadêmica e das limitações burocráticas de projetos entediantes. Era inimiga da beleza, até da transgressão de um sorriso de bom humor. Trâmites burocráticos do terceiro andar lhe excitavam, às raias de um gozo carimbado e autenticado em três vias. Perseguia os artistas criativos. Aqueles que ousassem ser geniais estavam fritos. Enviava cartas aos jornais, difamando-os, publicava calúnias em Blogs e protocolava denúncias vazias no Ministério Público.

Era inviável qualquer aproximação amigável. Media com o olhar o quilate de autoridade de cada colega. Era especialista em agressões gratuitas. Um simples bom-dia podia ser arrasado

por uma resposta atravessada tipo “só se for para você que não faz nada”. Quando estava excitada, guinchava como uma macaca, explodia gargalhadas e disfarçava, dizendo que estava louca para fumar. Uns juravam que o tesão era por mulher, mas havia controvérsias. Tinha um filho, um pobre rapaz um pouco menos feio e bem menos poderoso.

A Poderosa era capaz de transformar uma vírgula em parágrafo. Andava com duas guardiãs, capangas numa versão light. Uma de cabelo vermelho, que era sua pau-mandado para infiltrações estratégicas em gabinetes e solenidades. De orelha em pé, a cabelo de fogo percorria os rituais do poder, farejando quem estava lá e o porquê. A outra, uma destrambelhada dondoca falastrona, que gostava de chamar a atenção berrando palavras vãs, sem concluir uma frase coerente. As duas se consideravam artistas plásticas. “De plástico”, cochichavam alguns servidores. “Plastificadas”, sussurravam os subalternos mais vingativos, cansados das personagens que assombravam as manhãs que deveriam ser calmas, lentas, perfeitas para um dia vazio, de enrolação normal.

Mas lá vinha o trio, deixando um rastro de chateação. A Poderosa, no comando, estava a fim de detonar o senhor secretário Banana de plantão. E não seria o primeiro a quem peitaria com seus peitões. Outros viram o mesmo filme, o mais esperto deu a ela um cargo de diretora do museu. Salvou a pele e os ouvidos. A Poderosa se transformou em a Feliz e o deixou em paz, com suas armações de praxe, roubando sossegadamente o resto do mandato de dono da Cultura.

Quando a Poderosa estava feliz, gostava de mostrar que era capaz de gestos nobres, como o silêncio. Todos suspiravam com a paz no recinto, sossego no terceiro andar. Quando estava alegre, era ou por causa da certeza do seu inabalável poder, ou porque tinha namorado na noite anterior. Então, as próximas semanas prometiam bonança. Por se sentir gostosa, bem-comida, ela traria presentinhos e bancaria a generosa com algumas colegas.

Quando queria parecer humana, gostava de divulgar o quanto cuidava dos pais e dos velhos da própria família. Virava uma mulherzinha, fingindo inocência, enquanto fazia contas do que

herdaria. Piscava os olhos sonhadores, mas, num piscar de olhos, o ogro que habitava suas entranhas vinha à tona. O buço se agigantava sobre os lábios. Tinha farejado o perigo. Uma linda estagiária estava chamando a atenção e havia risco de o secretário Banana se deixar envolver pelas belas, jovens e fortes pernas. Havia o risco de a moça ser ambiciosa e inteligente. Era hora de voltar a mostrar que era a rainha da cocada do pedaço e fazer mira com o arsenal de maldades.

“Desta vez, a coisa seria diferente”, alguém a escutou dizer quando marchava para o gabinete. Fechava-se na sala em reunião com o Banana-Mor, mais um daqueles bunda-moles sem atitude que aconselham, ao surgir algum problema profissional, que o reclamante se finja de morto, faça cara de paisagem. Depois, um tapinha no ombro para demonstrar intimidade e é só despachar o sujeito com a certeza de mais um voto na próxima eleição. Mas com ela panos quentes não adiantavam...

A Poderosa sai do encontro com um sorriso deste tamanho nos lábios torcidos. Alguma coisa havia acontecido e lá se vai para o olho da rua a promissora estagiária, ex-futura-amante de algum chefe ou quem sabe dele, o líder máximo.

Juravam que o Banana tinha rabo preso com a Poderosa. As suposições variavam do mais simples vínculo familiar – quem sabe ligado à Maçonaria ou Rosacruz – teoria dos simplórios, às elucubrações de que rolavam interesses econômicos-financeiros, teoria dos realistas. O Banana e a Poderosa tinham muito em comum.

A palavra maracutaia cochichada nos corredores rolava escadarias, era arremessada pelas janelas, jorrava sobre a cidade até ser escondida num canto do palco do teatro da vida. Silenciada, porém jamais esquecida. Quem sabe nunca viraria manchete nos jornais vendidos, da província. Poderia ser o próximo capítulo do livro, talvez. O certo é que isso é uma outra história.

## *À Francesa ou O Amante*

Aquela semana ela estava obcecada em voltar a Paris. Deliciava-se com as lembranças da paisagem cinzenta e do frio. Mal suportava descer do apartamento encravado no centro de Goiânia. Não aguentava o calor, a claridade daquele céu de azul impecável. Detestava o colorido tropical e se enfurnava dias e dias no pequeno apartamento, com rede e plantinhas na janela, um piano e o ar-condicionado a mil.

Tocava as teclas delicadamente, desesperadamente em êxtase, em alfa, seja lá como se explique este arrebatamento que coloca o artista numa dimensão na qual o pensamento silencia, e a música vibra plena em todo seu corpo, entregue à beleza da energia. Desejava voltar para Paris, há tempos tinha terminado suas pesquisas no Xingu, na reserva indígena. Foram duas viagens ao Mato Grosso, duas aventuras esgotantes, estranhando o clima e sofrendo com a ignorância nos gabinetes brasileiros, atolados em burocracias, e os fantasmas da possibilidade de terrorismo.

Isto tinha ocorrido havia meses, quando terminara seu trabalho no País. Depois, chegaram as febres e as dores da dengue, em seguida a pressão dos jornalistas para que contasse de novo a história sobre as armas escondidas pelos índios. Não queria dizer mais nada, tinha falado o que sabia e não suportava mais o assédio da imprensa. O pior era a sensação de ter se exposto demais, queria esquecer, queria voltar para Paris.

Porém, nesta época, um acontecimento a lembra de que é um ser vivo, humana e mulher. Acontece experimentar a alegria do prazer.

Agora, aguarda o momento certo, espera o instante em que o amado dirá com um olhar: “Sim, hora de voar”. Enquanto isso, continua refém do calor, do ar seco, das praças sujas e floridas, de um Brasil caipira com quem não quer conversa. Aprende, aos poucos, a se entregar. O desejo por Ele cresce, fica maior, engole o sonho de voltar, mas isso ainda não tinha percebido. Estava exausta de brasis, tantas tonalidades de terras e céus, incomodada pela sensação de decadência, a vida valendo tão pouco e as relações humanas mesquinhas, determinadas pelo poder do dinheiro.

Desliga a televisão. Artista aqui não é nada, gente não é nada, inconsolável repete para si mesma. A saudade vinha quando estava esgotada de solidão. Porém, quando Ele ou a lembrança dele chegava, esquecia Paris. Mas não admitiria o motivo por que não partia. Era, sim, por algo muito valioso, profundo, a descoberta vital: estava conhecendo a intensidade de compartilhar e aprendendo a amar, numa entrega cada vez maior e muito mais intensa do que a vontade de ir embora.

Fazer amor era o melhor que o Brasil, a vida, o universo poderiam lhe conceder. Nele não havia cansaço ou ansiedade, com Ele revigorava. Sentia as entranhas, a pele, os músculos vibrarem num gozo que era uma espécie de transe. Um tesão que a arremessa para longe do pensamento, para uma região onde o tempo é, e nada mais importa. No instante sublime, sente a vida fluir, é o que tem importância.

Como em Paris ancestral, ponto de convergência entre bárbaros e romanos, nos corpos e energia unidos, o marco zero, brinca imaginando. Um novo sinal de vida surge a cada encontro, cada vez mais intenso. Descobre que quer ficar para sempre. Seu território é o amor. Erótico, irradiante, com as raízes em uma geografia desconhecida e fascinante. Ele chega, e a francesa é só vontade de renascer. Deitada sobre o corpo dele escuta o coração, sente o calor, o gosto, o perfume do homem amado. Nos braços e abraços, Paris não há mais. Se existe, tanto faz.

## *Magias da Vida*

Na repartição era temporada de relax. Mês de férias, nenhuma campanha eleitoral à vista, chefes e chefetes viajando, a maioria curtindo a praia bem longe. O telefone em silêncio, o Sol morno aquecendo as manhãs claras de um inverno no sertão. Nada a fazer. Marisa tem tempo para pensar na vida. Para completar a tranquilidade, a mãe louca está distante. O namorado pirado, também. Sua vida imersa na paz. Pode tagarelar à vontade com seu novo amigo na Internet, um belo italiano encantado pela palavra Brasil.

Poderia entoar uns mantras, queimar um incenso, curtir uma erva à vontade. Pouco ligava se havia uma pilha de jornais se amontoando à sua volta. Estava de férias do mundo e com vontade de transformar esta folga toda em período de descanso para sempre, perpétuo.

Que vida boa ser funcionária pública! Nenhum memorando, nada de ofícios, agenda zero. Havia decretado o fim das chatices burocráticas. De braços cruzados, descobriu que o mundo girava muito bem sem ela. Não queria mais o título de funcionária padrão. Nem se importava em ser produtiva, eficiente, competente. Tinha chegado ao limite. O homem do bigode de gabinete esquecera de persegui-la.

A secretária gorda desistira de cobrar os minutos de atraso, e ela, apesar dos medos, tinha decidido cruzar os braços... E cruzar o oceano. Andava com o guia de Paris na bolsa, alucinada com as possibilidades. No Jardim des Tuileries, o ritual de percorrer o traçado. A gloriosa geometria do jardim de Versalhes. Imaginava Luiz XIV,

o Rei Sol, como seu delicioso amante, fazendo amor à francesa, sem expor o corpo, veladamente gozava, ai, ai. Faz o percurso da Pont de l'Alma a Pont Sully. Passa de um lado ao outro do Sena, está quase na hora do almoço. Rive Droite, Rive Gauche, capricha no sotaque. Lembra que Paris ainda é uma festa, e de Hemingway. Recorda, também, o tal namorado que mal sabe português e escreve viagem com jota, no Orkut, e excitado sem o “x”, quando tecla no MSN. Não se fazem homens como antigamente, suspira. Luiz XIV de peruca e salto alto devia provocar mais orgasmos do que os brucutus do século XXI. Como pode sentir tesão sem o prazer erótico da palavra, sem os contornos luxuriantes da sedução. Das pontes de Paris às pinguelas de Goiás. Homens-bois, rústicos, com seus grandes e inúteis pintos.

Marisa debruça sobre as fotos do bar do Ritz. Aqui, bem aqui, era ponto de encontro de Zelda e Fitzgerald. Aqui, bem aqui, terá um encontro, num dia chuvoso. Pedirá o Kir, um copo de vinho branco com licor de cassis. Parece que a fome está apertando, falta pouco, logo sairá para almoçar. Quer ficar só, ultimamente quer muito a solidão e o silêncio.

Atravessa a rua do Claustro de Notre-Dame e entra no adro da igreja, voltou ao século XIII. Desce a escada que leva à Cripta Arqueológica. Vê as ruínas da antiga Lutécia, a cidade galo-romana. Embora imóvel, ela vai. Atravessa o mar, o tempo. É agora uma francesa, é outra mulher. Está na legião dos miseráveis de Victor Hugo, pedindo esmolas, um eurozinho. Percorre o metrô com o olhar, há suicidas, desempregados, mendigos. Depois, flutua sobre Paris, no cinza repara nas ruínas e folhas amarelas. Ofuscada pela beleza perambula na paisagem imaginária. O dia termina, as luzes começam a se acender. Tons de rosas e amarelos, Paris está iluminada como um palco, mais linda ainda. Marisa está atenta à rua, à visão que a puxa para um mergulho. Senta à margem do Sena, toca a face de algum outro universo ou dimensão. Não percebe diferença entre segundos e séculos, mas precisa voltar. É meio-dia, tem de bater o ponto.

De volta, guarda o livro na última gaveta.

## O Nobel Português

### - Entrevista com José Saramago -

Entrevistar José Saramago foi uma decepção total. Meu ídolo de *Memorial do Convento* e *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, simplesmente não era quem eu idealizava quando mergulhava nas páginas de suas obras. O escritor se revelou um irritadão e severo português típico, daqueles que se aborrecem e lançam indelicadezas, não que ele chegasse a dizer grosserias, mas passou perto, ficaram subentendidas.

Foi assim. Um belo dia, nos idos de novembro de 1997, descobri, folheando o jornal *Correio Braziliense*, que Saramago estaria em Brasília, na manhã seguinte, para lançar *Todos os Nomes*, no Centro Cultural Português, o livro que, em menos de um mês, tinha vendido 12 mil exemplares, e para receber o título de Doutor Honoris Causa, na Universidade Nacional de Brasília.

Corri cedo para a UnB, a fim de encarar a sessão solene. Com o meu crachá de jornalista pendurado no pescoço e o gravadorzinho em punho, lancei-me na missão de ignorar protocolos, limites, atropelos e cercar o escritor tão querido, logo na entrada do auditório. No primeiro contato, de cara, fui rejeitada por Saramago. Ele me surpreendeu com um tom de voz que nós, brasileiros, reconhecemos como pedante e agressivo e me deu um fora. Disse que não era hora para entrevistas, insisti, quem sabe, talvez depois da cerimônia... Descartou-me com rispidez, expressando um total desprezo ao meu esforço para conseguir umas palavrinhas aos leitores brasileiros.



Com os colegas da tevê, porém, meu ex-ídolo foi menos bronco. Que poder tem uma câmara em rede nacional! Ah, se gravassem os bastidores das entrevistas. Tentei assimilar a decepção, a realidade cruel de que Saramago, pessoalmente, não era um milésimo do ser que eu adorava. Passava longe de ser um gentleman, era rude, mal-humorado, pedante, antipático. Contudo, não desisti, quem sabe ele estivesse de lua virada.

Acompanhei os discursos. A solenidade de outorga do título de doutor reuniu autoridades acadêmicas e da Embaixada Portuguesa no Brasil, além de políticos e escritores. A saudação ao homenageado foi proferida pelo senador, na época, e escritor José Sarney, membro da Academia Brasileira de Letras.

Sarney, poeticamente, apelou às metáforas e traçou o percurso geográfico da língua portuguesa, através dos mares e das terras. Até que foi bonito, barroco. Mapeou toda a produção literária latino-americana, país por país, fazendo uma analogia com a obra de José Saramago. Observou, por exemplo, que o escritor trouxe em seu livro *Memorial do Convento*, a história do ouro do Brasil, e em *Jangada de Pedra*, a realidade mágica. Para Sarney, ele traz em sua obra “o estigma misterioso da conquista” e blá, blá, blá.

Em seu discurso de agradecimento, José Saramago, tido por muitos críticos como um escritor pessimista e negativo, fez as palavras brilharem e as comparações surgirem carregadas – milagre! – de bom-humor. Não parecia aquele idoso irascível de minutos antes. Explicou, por exemplo, sua concepção de que o romance, mais do que um gênero é “um lugar literário, capaz de receber o fluxo da poesia”. Profundo, né.

Falou sobre um “tempo ético, aquele em que o fluxo verbal longo, breve, instantâneo, aproxima-se da expressão de um poema” e que trouxe na literatura, o que melhor pode ir inventando e blá, blá. Consegui conversar com ele rapidamente, ao sair do cerimônia, porque insisti novamente e aproveitei uma brecha quando ele encerrou a entrevista para a televisão.

Detalhes em off: naquele tempo reinava o monopólio total de uma emissora de tevê, à qual, nós, jornalistas, chamávamos

carinhosamente de Rede Bobo, e na época em que Saramago esteve no País, o governo brasileiro tinha aplicado, havia poucos dias, um pacote econômico em resposta à queda da bolsa de Hong Kong. O escritor fez questão de destacar sua indignação pelo sistema. Depois... Acabou minha paixão por Saramago, o politicamente correto. No ano seguinte, ele ganhou o Nobel de Literatura e eu requeitei esta entrevista para o jornal *O Popular*, de Goiânia. Juro que tentei encarar *Ensaio sobre a Cegueira*, mas odiei o livro.

**NT - Como o senhor recebe este título de Doutor Honoris Causa?**

**JS** - Trata-se de uma enorme honra, que recebo com gratidão e emoção.

**NT - Quanto ao seu novo romance *Todos os Nomes*, que o senhor acaba de lançar, poderia falar sobre este trabalho?**

**JS** - Rapidamente assim, não posso falar. Tenho dado várias entrevistas, sobre o livro por aí, que dão a ideia de como ele é. Mas neste momento, é rigorosamente impossível falar. Três palavras não resumiriam mil. Não há condições, em hipótese nenhuma, de fazer qualquer declaração neste sentido, porque não teria lógica.

**NT - A sua obra é considerada pessimista pelos temas que são abordados. Como o senhor vê estas críticas? Concorda?**

**JS** - O que significa exatamente ser pessimista? A minha pergunta é se as pessoas acreditam que o mundo não tem um lado escuro? Se elas acreditam que ele só é claro e luminoso, então não terei razão. Mas, francamente, só um cego é que não repara como este mundo é. Precisa de alguém de plantão para dizer que este mundo também é escuro. E, provavelmente, é muito mais escuro do que claro. Muito mais negro do que luminoso.

Que há milhões e milhões de pessoas que não têm condições mínimas, a dignidade mínima de subsistência para sobreviver. Eu acho que tudo isto está errado.

**NT - Qual é a sua visão da realidade brasileira num mundo globalizado?**

**JS** - Quanto à economia brasileira, há três ou quatro semanas, parecia que não havia problema – pelo menos visível – e, de

repente, por causa da queda da bolsa de Hong Kong, que se tornou o epicentro de um terremoto que se espalhou pelo mundo todo, o governo brasileiro foi obrigado a aplicar um pacote econômico duro. Sobreviver num mundo em que, por causa da queda de uma bolsa no extremo Oriente, todo mundo sofre um abalo... A questão principal aqui e esta: eu não jogo na bolsa, portanto, não ganho. Mas o que acontece é que eu vou ter de pagar. Quando o vencedor ganha na bolsa, eu não ganho nada. Quando perdem, eu pago. Se este sistema serve, se este sistema aí é claro, luminoso e otimista, então tem alguma coisa errada com esta história. E não sou eu que estou errado.

**NT - O senador José Sarney, em sua saudação, falou da latinidade de seu trabalho literário. O que o senhor acha?**

**JS** –Sarney tem um pouco de razão, admito que seja mais ibérico do que europeu.

## *Celeste*

Nesses dias, sem tempo para curtir a rede do jardim, Beto sente falta de olhar o céu. Não há paisagem que se compare ao espetáculo do infinito azul sobre o Cerrado, no interior do Brasil. Quem nasceu perto mar, de algum rio, montanha, ou na metrópole, não imagina a beleza que se encontra ao olhar para cima, nesta região. No Planalto Central, o céu não concorre com a superfície. Quando o olhar muda de direção e troca o horizonte pela verticalidade, a sensação é de liberdade, de flutuar no espaço.

Ao voltar da paisagem celeste, depois do vertiginoso estado poético nos azuis, ressurgem o encanto de perceber o chão, com seus tons avermelhados, róseos e verdes, junto aos animais na terra, sob o som de bichinhos do ar. Periquitos e papagaios nas árvores das ruas fazem estardalhaço nas manhãs goianas. Passarinhos, abelhas, borboletas, em rasantes, ressurgem na lembrança. Beto caminha bem cedo para encontrá-los em revoada e rebuliço. Não, não está em crise de bucolismo, nada disso. Está mais para uma simples atração por sutis manifestações da beleza. E tanto faz estar na roça ou na metrópole. Quando morava em São Paulo foi a vez de o céu cinzento despertá-lo do torpor, nas tardes solitárias. Nas ruas da Liberdade, com seus signos budistas, decoração oriental nas portas dos restaurantes e inferninhos, havia um quê de celestial.

A decadência, apesar de triste, tinha fogo, algum brilho da vida. Em pleno trânsito congestionado, nas ladeiras estreitas, no rosto dos miseráveis imigrantes e suas expressões indefiníveis, nas bandeirinhas e lanternas de papel sobre abismos provocados pela falta de comunicação, o mistério pairava. Enquanto isso, no espaço,

nuvens imensas, grávidas, preparavam-se para se derramarem no ar gelado, sobre os enfeites vermelho e branco, sobre os pardaizinhos em curtos e prazerosos voos. Beto adorava banhos de chuva e caminhar na enxurrada. Cenário perfeito para a intensidade da paixão que sentia pela pintura, sua arte e ofício... Também lá, o céu tinha encanto. A diferença talvez fosse a ausência do embalo preguiçoso da rede.

Ou seria porque ainda não tinha essa vontade de perseguir os sentidos com lupa e guardar, com palavras, cada nuance das cores destes céus, que tem hoje? Nas esquinas da Boca do Lixo, entre neons e garoa, assistiu aos namoros de prostitutas, ao movimento da venda de drogas, aos viciados no jogo do bicho fazendo sua fezinha e conheceu Celeste.

Ela vivia no quartinho de um beco repleto de casarões despencando. A moça sonhadora, de olhar melancólico, adorava ouvi-lo, nos dias úmidos, enquanto bebericava o chá que trazia na garrafa térmica. Pedia sempre que ele lhe contasse mais sobre outros lugares. Abria o sorriso e parecia mais bela quando o rapaz descrevia, oferecendo mil adjetivos à aurora e ao crepúsculo que incendeiam o céu, à beira dos rios Araguaia e Tocantins.

Ou quando contava como eram aquelas noites de fogueira que enternecem e semeiam lendas, na lagoa dos Kamayurá, no Parque Indígena do Xingu, em outros brasis de distantes espaços infinitos, estrelados, mornos e perfumados. Celeste entrava devagarinho no ateliê. Pedia licença e ficava parada, em pé, esperando que ele largasse o desenho e puxasse conversa.

Nunca falava de si. Queria ouvir a descrição exagerada das cidades onde Beto viveu. Às vezes, ele juntava os tubos de tinta, mostrando cores de uma composição imaginária, fazendo trocadilhos e acentuando o sotaque caipira. Beto só soube que a moça estava condenada tempos depois, quando ela sumiu de vez.

Uma adolescente, moradora de rua, trouxe a notícia de que estava morta. “Voou de um prédio”, disse. “Não suportou a ideia de estar contaminada”, sentiu o artista. Celeste preferiu mergulhar no azul a enfrentar a Aids, chorou o rapaz, misturando cores escuras e saudade, na paleta. Naquele instante, fechou os olhos e a dor despencou, fogo e água – feito uma terrível tempestade – sobre sua juventude.

## *Sauros e Goianossauros*

Ele andava com o rebanho. Tudo era feito em grupo, menos o sexo. Não porque não tivesse desejo e fantasias, é que tinha medo de falhar publicamente. O resto era feito de acordo com a cartilha provinciana: bebia cerveja no final do dia, exibia-se na caminhonete, som alto, música sertaneja de quinta. O Sauro cultivava uma barriguiinha e tentava disfarçar a careca.

Ultimamente, considerava o bigode símbolo de poder na repartição. Apertava a mão com força ao cumprimentar, esmagando os dedos para mostrar quem manda. Não olhava nos olhos, frequentava a Igreja e a Maçonaria, participava da rapinagem às verbas públicas. Colecionava títulos de chefe, chefete, chefinho nos conselhos e comissões que integrava, em reuniões quinzenais, bem remuneradas. Cuspia no chão. Mal sabia assinar o nome, mas se virava.

Na Internet, não escondia que era analfabeto funcional. Ao contrário, destruía o idioma como se fosse um estilo de linguagem. Com poucas palavras “mautrassadas” chamava logo a interlocutora no Chat para dar uma volta, dar um beijo, chupar o pau. Sem constrangimento, escrevia que estava “ecitado”. Exibia-se, falando de alqueires, arrobas e vacas.

Mulheres eram para ser usadas e abandonadas. Sauro temia ser chifrado, envelhecer, falhar na hora agá. Tinha ereção precoce e, para driblar o vexame, queria-as apenas para rapidinhas. E repetia na roda do bar: “Todo homem é corno, toda mulher, traidora, vagabunda”. Não largava a barra da saia de sua mãe. Santa, só ela. Desprezava as fêmeas. Não cedia o lugar para uma Saura passar, muito menos para sentar.

Até pedia que levantasse da cadeira, para ver que é o macho quem manda. Nada de por favor, nem muito obrigado. “Quem mandou virem com este negócio de feministas, querem ser iguais a nós”, dizia. O Sauro mastiga as palavras ao falar, aos trancos o som das sílabas ressoa. A voz em estrondo acompanha os decibéis da toada de seu carrão. Adora som automotivo e fica feliz por chamar a atenção. Goianossauros conversando grasnam. O esforço para articular e emitir a sonoridade é tão grande quanto o de elaborar um pensamento lógico.

Forma e conteúdo são superficiais. Expressões elaboradas os consumiriam, o cérebro caroço implodiria. Eles se alimentam das sílabas que engolem, deixando apenas a metade dos vocábulos a serviço da comunicação. Vivem para comer. Os repastos são temas importantes em seus diálogos berrados. “Farocuguiró”, diz um. “Hum, Dili”, responde o outro. Tradução: “farofa com guariroba”, diz um. “Hum, delícia”, responde o outro.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, em frente aos espelhos do salão de beleza, na esquina, a Saura afia as garras. Lixa e pinta as unhas, também gosta de conversar sobre receitas de como agarrar um G com grana. Alisa os cabelos, prepara-se para a caçada. Nas lindas noites goianas é a ela que cabe a iniciativa da dança do acasalamento. Depois de capturá-lo, considera-se dona.

É, daquele mesmo... Do Goianossauro que cospe no chão, não pensa, não fala e não trepa direito. Dona do sem-educação, sem-elegância, mas que jura ter um pedaço de terra, conta recheada no banco. E ela vigia o animal. Telefona mil vezes, vasculha o Orkut, fareja outras Sauras porque a concorrência é grande, um para vinte.

Pelo pinto de um Sauro é capaz de barracos e baixarias. Diz que administra o ego do bicho, não permitindo que tenha um. A Saura o quer sob seu jugo, mas não vacila se surgir outro mais poderoso. Sauros com chifres são comuns nas bandas dos matos e brejos do

Brasil. Machucados, gostam de gemer em duplas e alguns vendem milhões de discos.

Como toda fêmea, a Saura é faminta. Esfomeada, quer sexo e dinheiro sem nenhum pudor ou recato. Enfeitada com adereços chamativos, faz pose, como se estivesse na vitrine ou na feira. Pisca os olhos num esforço de sedução. Não abre a boca, não tem assunto. Brincos grandes, colares e pulseiras são seus ícones de feminilidade.

Na repartição, é conhecida como gostosona, com decotes profundos, saias curtas, transparências e calças justas. Equilibra-se em saltos finos e altos a qualquer hora do dia ou da noite. O piercing gigante no umbigo é adereço das mais jovens. Algumas carregam penduricalhos nos bicos dos seios, após os inflarem com silicone, claro. Copiam a moda das novelas da televisão e das revistas de fofocas. Gostam de olhar as fotos e deixam as letrinhas de lado.

Assim como os machos da espécie, qualquer estudo ou empenho para o desenvolvimento interior está fora do alcance, considera coisa sem importância. Adoram ficar paradas, estáticas, de preferência sentadas, tomando cerveja, aguardando o momento do bote selvagem em cima do Goianossauro. Este, aliás, faz cara de indiferença às Sauras, Surianas, Sauretes e Saurinhas em perpétuo cio.

Quando não casam ou quando descasam, muitas Sauras voam para a Europa, fazem sucesso na Espanha e Portugal, caem fácil nas armadilhas da escravidão de prostitutas. Saem da roça, mas a roça não sai delas... Melhor colocar o ponto final. Este assunto rende outra história.



## *A Namoradeira Virtual*

- da série “Amores + ou - Resolvidos” -

Ela namora muito na Internet. Tem romances espalhados pelo mundo. Um está na Itália, outro, em Portugal. Outros, em São Paulo e também rola no Rio de Janeiro, sim. Ah, mais um na Colômbia, no Irã e dois em Brasília. Não que passe o dia conectada, mas arruma segundos para as trocas de carinhos. São mensagens, recados, e-mails, alguns amorosos, outros cheios de ciúmes ou curiosidade. Sempre delicados, criativos, às vezes tristonhos ou, até mesmo, digamos, frugais.

Namora todos ao mesmo tempo, uns também via webcam. Não fala com nenhum pelo telefone ou celular, mas chegou a conhecer alguns pessoalmente. Foram amores que não vingaram, não cresceram na sua hora e que hoje sobrevivem da semente mágica da sedução. Quando insistem em marcar um encontro ou em fazer o sexo virtual, às vezes corta logo, em outras se anima e mostra o corpo, provoca.

Depende, não é deste tipo facinho, não. Que coisa mais sem imaginação, mais broxante! Prefere viver na fantasia, gosta do chaveco. Adora romances epistolares... É assim que chamavam os namoros por carta, em outros séculos, associa, eles nem imaginam a profissão dela de verdade. Quanto encanto em algumas linhas maltecladas. Algumas palavrinhas aportuguesadas, de idioma inventado, no inglês capenga, na tentativa amorosa de fazer contato.

Encontrou na Internet a varanda de um casarão de antigamente,

ou uma janela para a rua, numa casinha do interior, dessas onde o tempo parou. Às vezes, se mostra nua, ou de calcinha e sutiã. Acena com um “oi” ou “olá” e lá vem o cavaleiro montado em seu cavalo Pentium, com rapapés modernos.

Na madrugada, começam os recadinhos. Primeiro, o italianinho, que encontrou rapidamente em Brasília. Lembra dele com um mochilão nas costas, descobrindo o Brasil. Depois, chegam os do português, aliás, um surfista bonitão, que conheceu nos desfiles de moda num verão carioca. É fotógrafo e lhe envia beijos doces. Lembra dos deliciosos pastéis que provou em Lisboa e suspira.

Os brasileiros acordam mais tarde, é domingo. Suas mensagens chegam no meio da tarde ou começo da noite, cheias de desejo. O carioca carinhoso arrisca convites tipo “que tal uma praia, sonho com seu corpo, vem pro final de semana...”. O paulista comedido e dramático, manda versos. Os brasilienses são os mais carentes, ansiosos cobram a presença real. Com esses não vai namorar muito tempo, querem logo quebrar o jogo, insistem no encontro! O colombiano, do alto da serra, frequenta pouco sua caixa de mensagens. É o mais misterioso, envia saudações bolivarianas, não quer contar da guerrilha, quer saber das alegrias da vida no Brasil.

Ela tem uma amiga que se casou com um mexicano que conheceu num Chat e namorou pela Web. Mas a Namoradeira não quer casar, não tem boas intenções. O harém virtual é o suficiente para fazê-la feliz. On-line, foge da solidão, escapa do tédio e se diverte. Cantarola versos de Rita Lee. “Como um mutante, sempre sozinha. Ai de mim que sou romântica ...”.

É temporada do amor virtual! Não, não tem mais jeito, o homem real está cada vez mais distante e está em plena madrugada num delicioso final de semana. “Kiss me, baby...”, digita apressada enquanto espia o próprio corpo, projetado no monitor, transmitido pela câmera. Tecla na tela de luz: “Ai que tesão de mulher gostosa você está namorando, baby”. Do outro lado, em algum lugar do mundo e em outro tempo, alguém goza ao vivo e a cores.

## *A Nave*

Está sentada na praia, de frente para o mar para ninguém perceber a expressão de seu olhar. Nas profundezas, um peixe enorme, dentuço, prepara o ataque. Há luar, brisa suave, fogueira, risos. Sentada de costas para os jovens que cantam e brincam, Zunim não sabe do predador, não sente o vento brando, não repara nas estrelas, nem no fogo, não escuta as risadas. Ainda está sob o efeito da visão.

Sente dormência nas pernas, muda de posição. A sensação continua e não há espaço para o pensamento, nenhuma lógica. Como falar sobre aquilo, se o que viu é diferente de tudo que considera real, se é algo extraordinário, estranho, esquisito. Quando tenta contar, parece uma mentira, ficção de filmes, um sonho.

Viu mesmo a imensa nave de luz pairando nos céus. Muitos viram, mas não aceitam e logo inventam explicações, conseguem esquecer. Não vão admitir que, pela primeira vez, nossa civilização tenha feito contato visual, em massa, com outros seres. Zunin cisma enquanto caminha de volta para o grupo.

Continuou calada, a beleza da noite contagiava a todos, a maioria era de enamorados entregues às carícias das preliminares sem timidez, afinal eram amigos e tão jovens e alegres. A moça não se deixa envolver pelo momento para liberar impulsos sexuais. Acha aquilo tudo ridículo, primário. Sorri da ideia, “ainda dizem que eu sou a louca”.

Aos poucos, seu humor voltava, porque levaria a ponta de faca, como dizia seu avô gaúcho, o que os outros estavam falando ou fazendo. Não se importava com eles, seu tesão é outro.

Voltou sozinha para casa, há duas quadras da praia. Precisa consultar o tarô e a bola de cristal. Acende um incenso, abandona os pensamentos e visualiza como quem assiste a um programa de televisão.

As cenas ora lembram uma pintura de Bosch, o Jardim das Delícias, com minúsculos seres nus, lindos em cópula, numa orgia sem culpas, ora o Inferno de Dante, se debatendo de angústia e medo.

Mas Zunin não conhece nada de arte, muito menos de literatura, muito menos ainda sobre fazer amor. Sobre as imagens azuis e rosas paira uma luz. É a nave. Via claramente e sentia como se diluísse, numa sensação de intensa paz. Foi dormir e teve sonhos calmos onde surfava uma imensa e interminável onda.

Na manhã seguinte, a vida seguiu seu ritual cotidiano, marcado pelos hábitos e alguma solidão. Encontrou com a turma na praia morna, no final da tarde. Alguns estavam abatidos, com a aparência de doentes, pálidos, reclamando de dores pelo corpo. Não comentaram a noite anterior, estavam cansados demais. Zunin tentou falar sobre a nave novamente, mas o assunto caía no vazio, como se não escutassem, talvez o link estivesse bloqueado.

Não era a primeira vez que se sentia incomunicável. Cansou e foi para casa se enfurnar no computador, catar figurinhas de amigos nos Orkuts, o álbum de figurinha silencioso, no web passatempo, a sensação desagradável continua. A carta do Nada no Tarô Zen de Osho significa potencial, onde vibram as possibilidades, mas Zunin não conhece, nem o que quer dizer este Nada na sua sorte, no jogo da sorte que fez na madrugada. Ela viu a imagem, mas não alcançou o significado. Só conseguia sentir que no fundo de sua imensa, abissal angústia havia algo que estava para nascer.

Talvez tenha chegado o momento de conhecer a verdade, a delicadeza do amor, e este pensamento a faz abrir o sorriso, seus olhos faíscam.

Alguma coisa sagrada, essencial, está próxima, sente Zunin. A nave de luz e as experiências sensoriais seriam sinais, acha. Vai para o jardim ver a Lua cheia, a noite está bonita pontilhada por estrelas. Escuta o telefone chamar.

É a amiga Tatiana, ela quer que conheça uma pessoa sensacional. É pra já, Zunin tecla os números e desliza na correnteza. Três, dois, um... O contato imediato em alto grau de amor e prazer, em breve, vai transformar sua vida em divinas ondas de gozos, para sempre. Sim! É sim, o Ser a encontrou. Zunin vai começar a acordar para as fascinantes verdades da vida.

## *Os Poetas-Inventores*

### - Entrevista com Augusto de Campos -

Sempre amei poesia, tenho atração pela vanguarda, por arte experimental e com emoção entrevistei o poeta Augusto de Campos, em 2002. Era o cinquentenário do Concretismo, movimento do qual ele participou da fundação e que revolucionou a Poesia, no Brasil, com reflexos nas Artes Plásticas e até nos meios de comunicação, graças às ousadias de Reinaldo Jardim, nas páginas do caderno de cultura do JB.

O marco de início do movimento foi o lançamento da revista *Noigandres*, em 1952, pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Nesta exclusiva, Augusto de Campos – que havia acabado de relançar seu livro *Viva a Vaia* – entre vários assuntos, aborda os fundamentos, as raízes e os rumos da Poesia Concreta. Também fala sobre o processo de criação e de suas experimentações com as mídias digitais. Para o poeta, as novas tecnologias são o “habitat natural” dos poetas-inventores.

Constate aqui, mais uma vez, o quanto a Poesia Concreta é arrojada, simples e sofisticada, e se surpreenda com a resistência à proposta de inovar a linguagem poética, um tabu que persiste em parte dos meios acadêmicos e da imprensa.

**NT - Qual o legado da Poesia Concreta?**

**AC** - Não me sinto à vontade para responder a essa pergunta, já que fui um dos protagonistas desse movimento poético. Está nos nossos livros. Que outros avaliem, agora ou no futuro.

**NT - Quem são os herdeiros?**

AC - Não gosto de falar de herdeiros, porque a palavra parece implicar submissão ou compromisso e acho que um poeta não deve ter compromisso com nada e com ninguém, a não ser com a poesia.

Tenho afinidade com poetas experimentais, aqueles que não apenas estão interessados em expressar-se, mas em mudar a linguagem poética.

**NT - Com quais poetas, por exemplo?**

AC - Há várias gerações de poetas experimentais após a minha. Por exemplo, Leminski, que foi revelado na nossa revista *Invenção*, nos anos 60. Hoje, o poeta mais conhecido dessa linhagem é Arnaldo Antunes, dadas as suas relações com a Música Popular. Mas há os poetas que conduziram as revistas *Código*, *Artéria* e outras, nos anos 70, como Erthos Albino de Souza e Antonio Risério.

**NT - Por que o senhor, Haroldo de Campos e Décio Pignatari escolheram o nome *Noigandres* para a revista do movimento?**

AC - A palavra *Noigandres* foi extraída de uma canção do trovador provençal Arnaut Daniel, do século XII, considerado por Pound o protótipo do poeta-inventor. O seu significado desafiou as exegeses, até que o provençalista Émil Levy fixou o seu entendimento: “*l'olors d'noi gandres*” (um perfume que afasta o tédio). A Poesia Concreta propriamente dita começou a se expressar nos meus poemas do ciclo *Poetamenos*, de 1953 (só publicados em *Noigandres 2*, em 1955, devido às dificuldades da impressão, que pedia até seis cores).

**NT - O que o senhor acha da crítica de que o movimento privilegiou a forma, em vez do conteúdo?**

AC - Waldemar Cordeiro dizia provocativamente: “O conteúdo não é um ponto de partida, mas um ponto de chegada”. Na verdade, forma e conteúdo são um todo inseparável. Mas, se quiserem conteúdo, tomem os meus poemas *Greve*, *Luxolixo*, ou os *pop-cretos*, *Beba Coca-Cola*, do Décio, que é de 1957(!), *Servidão de Passagem*, do Haroldo, *Portões Abrem*, do Ronaldo e tantos outros. Os críticos falam sem ter lido os poemas.

**NT - A Poesia Concreta ainda incomoda?**

AC - Tendo em conta que, em algumas universidades e em parte da imprensa cultural, a Poesia Concreta ainda é tabu, parece-me que sim.

**NT - Quais os rumos da tradição da invenção?**

AC - A invenção tem muitos caminhos e os poetas-inventores saberão encontrá-los. Repito apenas o que dizia Schoenberg: “Todos os caminhos levam a Roma. Menos o do meio”. De minha parte, há dez anos só trabalho em computador. Todos os meus poemas são produzidos nesse veículo e grande parte da minha produção se dirigiu para a elaboração de animações poéticas digitais, algumas das quais podem ser vistas no meu site ([www.uol.com.br/augustodecampo](http://www.uol.com.br/augustodecampo)).

**NT - A Internet é uma aliada...**

AC - Acho que o universo digital, oferecendo ao poeta programações sofisticadas de design, abre um campo imenso de experimentação, tanto para fora como para dentro do livro. Na mídia eletrônica, a poesia concreta e as poéticas visuais encontram um “habitat” natural. Os poemas podem ser pensados em formas, cores e movimento, com versatilidade e relativa facilidade.

É o que eu sonhava, quando há quase meio século, prefaciando a série de poemas em cores Poetamemos, exclamava: “Mas luminosos ou film-letras, quem os tivera!”. Acrescente-se que a Internet, apesar de todo o lixo cultural que acolhe, abre picadas e desvios de rota que favorecem o intercâmbio poético entre os guetos ou “reservas” de resistência poética em todo o mundo, ajudando a romper o isolamento catacumbico da poesia.

**NT - Quais são seus projetos?**

AC - Tenho um novo livro de poemas já entregue a uma editora (todo ele feito em computador) e outro, no qual reúno as minhas traduções dos provençais Arnaut Daniel e Raimbaut d'Aurenga ao lado de Cantos de Dante e outros poemas dele e de Guido Cavalcanti. É, parcialmente, uma reedição de *Mais Provençais*, mas com muitos acréscimos e traduções inéditas, especialmente as do Inferno e do Purgatório, que enfatizam o encontro de Dante com os trovadores. Acabo de republicar com Haroldo de Campos novas edições, revistas

e ampliadas, do *Panorama do Finnegans Wake* e da *ReVisão de Sousândrade*, ambos pela Editora Perspectiva. Demos especial atenção ao livro sobre Sousândrade, que se encontrava há muito esgotado, sendo este ano o centenário da morte do grande poeta maranhense, modelo de poeta-inventor, ainda não engolido pelos nossos meios universitários e acadêmicos.

**NT - Pignatari ainda produz junto?**

AC - Não. Produzimos individualmente. Aliás, nunca fizemos um poema em conjunto. Mas, nos anos 50 e 60, estávamos, naturalmente, em maior contato, mostrávamos um ao outro o que produzíamos antes de publicação, e chegamos a publicar juntos a nossa produção poética, por cerca de 17 anos. Isso, também, naturalmente, já não ocorre hoje. Continuamos amigos, o que é mais importante. Converso semanalmente com Haroldo ao telefone. Com Décio (que de alguns anos para cá mora em Curitiba), tive bons momentos em Maio no Salão do Livro de Genebra

**NT - Qual é o seu recado para as novas gerações?**

AC - Só não voltar atrás.

*(Entrevista publicada no Jornal O Popular, de Goiânia, no dia 20 de Outubro de 2002).*



## *A Carta*

Olá. Tudo bom? Você está linda hoje. Quero dizer, você está mais linda. Deve ser porque eu te amo mais hoje do que ontem. Senti saudade. Uma saudade que dói. Vontade de sentir teu cheiro, respirar teu hálito, tocar teus cabelos, teus dedos. Sinto falta de abraçar você. Sinto falta de dançar com você e de cantarolar aquelas canções que gostávamos de cantar pela rua, no banho, antes de dormir. Sinto saudade de ouvir tua voz, tua risada, tuas promessas de amor eterno, de nossos planos de viagem, da nossa lista de livros e filmes preferidos, nossas brincadeiras secretas.

Ainda escuto o apelido engraçado que você me deu e repito o teu em pensamento. Não ousou pronunciar-lo. Sinto falta do teu corpo, das sensações que você provocava com este teu jeito meigo e divertido. Ainda beijo nosso retrato. É o meu tesouro, entre as tralhas que carrego. Tento decifrar teu olhar e descobrir porque tudo acabou. Ainda me emociono com tuas lembranças. Não, não lembro porque te traí, porque te deixei. Não acho motivo para o desamor que invadiu nossas almas.

Quem sabe tenha sido o frio ou a falta de dinheiro, ou a saudade da família e dos amigos? Por que nós sentimos isso em plena festa de amor? De repente, o luar não sustentou nossa imaginação, e nossos corpos se ressentiram com ciúmes, medos, dúvidas. Por que perdi você, meu amor? Por que tive tanto medo de te perder, fiz cenas patéticas, dramas e disse tantos horrores que só de pronunciar-los doíam em mim como socos, murros no estômago? E por que quebrei copos, janelas, gritei, uivei feito cão danado, quando, na verdade, queria te acariciar e suplicar para que não me abandonasse jamais.

Em que instante perdi a cabeça e com o coração estilhaçado jurei vingança?

Por que esmaguei o cigarro aceso nas tuas mãos? Foi o calor daquele domingo vazio, de futebol e irritações? Por que bati tanto em você? Foi a bebida? Por que te odiei um ódio impossível, feito de crueldades, sadismos... Foi porque enlouqueci?

Por que enlouqueci? Em que momento duvidei de você? Onde estava a semente terrível que destruiu nosso amor? Em que instante ela surgiu, se todos os nossos momentos eram mágicos, de poesia, absolutamente apaixonados, doces, livres? Em que instante a dúvida abriu feridas e esta gana de te trair, amaldiçoar, maldizer, abandonar, me arrastou feito uma correnteza incontrolável, perigosa.

Um monstro que jogou meu corpo contra pedras e de alturas vertiginosas... Caí, como um anjo decaído, agora demônio, me queimei em angústias, mágoas mágoas mágoas... Tive medo, tive ódio terrível. Tentei amar outras mulheres, tentei me viciar em outros corpos, mas neles sempre me lembrava que você não estava. Por que sofri, se era amor?

Você continua linda, repito sempre quando vejo tua imagem naquele retrato, ou sonho com você. Onde estiver, continua linda, eu sei, eu sinto. As marcas que deixei em teu corpo foram apagadas. Anjo não tem cicatriz. Eu, sim! Eu fiquei desfigurado, com uma chaga enorme, ainda aberta, ainda sangrando, ainda gemendo. Matei por doença de amor, disseram...

Não, claro que não me perdoe. Sou um morto-vivo arrastando a saudade, chorando por você. Ainda cometo desatinos, sou o mesmo monstro. Ainda desejo você. E me detesto e me humilho e me escondo de mim mesmo na bebedeira, nos becos, no fundo do poço.

Carrego esta dor imensa enquanto caminho sem rumo, remexendo nos lixos, dormindo ao relento, mendigando paz. Tua ausência dói mais a cada dia, minha linda, minha flor. Vou deixar esta carta aos pés da santinha, Nossa Senhora da Conceição, minha doce Oxum, aqui na Catedral da Sé, e vou me jogar embaixo do primeiro carro, na primeira esquina. Quero partir, quero voltar para os braços do meu único e grande amor.

**Nota 1** - Relaxe, leitor. André Ribeiro Silva Soares, 57 anos, ainda está vivo. Seu filho mais velho o encontrou embaixo do Minhocão (apelido de um viaduto de São Paulo, a maior cidade da América do Sul). Sua companhia era o cachorro Ralé, amarrado com um cordão. A família o procurava havia dez anos. Ele matou a esposa no início dos anos 70 e foi absolvido sob a alegação de defesa da honra.

**Nota 2** - André vai tentar suicídio mais duas vezes. Conseguirá em 2013, em viagem de férias, ao litoral de Alagoas. Estragará o programa familiar e provocará trauma em suas três noras. As dondocas nunca mais se aproximarão do mar. Aliás, uma delas terá a sina da sogra. Mas isso é uma outra história.

## *Papo de Mulher*

– Ufa, passou mais um Oito de Março. Graças a Deus passou rapidinho. Insuportável ficarem lembrando que é meu dia – reclamou Maria Alice. – “Dia da Mulher, seu dia...”, repetem, como se isso fosse muito bom, bacana, especial. Dão florzinhas, parabéns, Spans de cumprimentos, lotam a caixa de e-mails... Caralho! Detesto ser lembrada de que nasci sob este estigma. Graças a um par de seios e uma xoxota não pude e não posso fazer um monte de coisas...

Maria Alice pronuncia as palavras aos trancos, enquanto segura a fumaça do baseado. Soninha, ao lado, só ergue as sobrancelhas e balança a cabeça em sinal de que está de acordo.

Depois de alguns segundos de silêncio, completa o discurso da amiga, com a voz em tom baixo, sussurrando como se choramingasse:

– Quando era criança, não pude jogar futebol, tomar banho de chuva sem camiseta, nem pensar em brincar com as crianças da vizinhança. Na adolescência, não tive a chave da porta, muito menos a liberdade de ficar até tarde nas festinhas, visitar a turma à vontade, viajar com o namorado. Não pude tirar sarros! Eu e meu bumbum arrebitado não aproveitamos nada!

O sinal fecha, é final do dia, hora do trânsito pesado.

– Num entardecer romântico, certa vez, fui constringida por policiais, quando estava aos beijos com o namorado, numa linda pracinha florida de Goiânia. Pediram minha carteira de trabalho. Demorou... Putz, como sou loira! Só depois de muitos anos caiu a ficha e percebi que haviam me chamado de puta! – conta Ana Lúcia, deitada no banco de trás, tentando se esconder dos outros

motoristas, aproveitando a última ponta do cigarro, quase queimando os dedos.

As três trabalhavam juntas, num escritório de advocacia, na Asa Norte, em Brasília.

– Uma vez, um vizinho sacana denunciou o sarro que eu e o Betinho tirávamos no carro que conseguíamos emprestado, na esquina de casa, em Luziânia. Fomos de camburão pra delegacia. Tive tanta vergonha que não consegui falar nada. Fiquei paralisada. Depois, tive crises de choro, escondida, solidão, sentimentos confusos, não poderia contar uma coisa dessas pra ninguém, a cidade era pequena. Que vergonha passei – lembra Maria Alice, e as amigas morrem de rir.

Soninha continua, disparando palavras:

– Quando transei, fui obrigada a me casar logo. Eram as conveniências, “já que tinha relações com rapaz”, disse minha caretíssima mamãe. Me livrei com muito custo da mortalha chamada vestido de noiva e de ter de mudar de nome. O que rendeu um esporro do juiz. É uma merda, cidade do interior. Mas, sabe... Em São Paulo, o pessoal é caretíssimo, também. Quando fui viver com Roberto, escondíamos da vizinhança que já tínhamos sido casados.

Maria Alice e Ana Lúcia, além das risadas, começam a uivar. Soninha se anima a contar o resto da história:

– Pouco tempo depois, outras situações destruíram meu primeiro casamento. O maridão descansava, enquanto eu trabalhava dentro e fora de casa, além de passar pela gravidez. Foram duas, e seguidas de partos terríveis. Depois, a separação, a luta para a sobrevivência, cuidar dos filhos, ser uma ótima mãe e excelente profissional. Porque, para uma mulher, isso é o mínimo. Depois, casei-me com Marcos. Uma bomba. Depois, foi a vez de Roberto, em São Paulo. Desastre total.

As amigas exclamaram em coro:

– As lésbicas são mais felizes!

Era o refrão que repetiam quando entravam na onda de se queixar do machismo do mundo.

– Somos doídonas e tão idiotas! – resmungava Ana Lúcia e continua: – Malfodidas e malpagas. Temos de ser supermulheres 24 horas por dia. Lindas, inteligentes, competentes, jovens para sempre,

mesmo assim, vamos ganhar menos. E, se houver homem na equipe, ele será o protegido do chefe ou da chefe. Porque mulher não admite a capacidade ou beleza, tem essas disputas também.

– Ei, as putas são mais felizes! – Maria Alice tenta interromper a canseira do papo com uma frase de efeito.

– Não adianta. De qualquer forma, o salário dele será melhor do que o seu, mesmo que você faça a pior ou mais difícil parte das tarefas. Enquanto as colegas, as outras mulheres, vão se especializar em atormentar sua vida com fofocas e intrigas em geral – reclama Soninha, vítima da gorda linguaruda do quinto andar, que invejava os lindos cabelos loiros e o sexy porte atlético dela.

– Essa porra de dia Oito de Março é o dia internacional da hipocrisia, isto sim! Na verdade, ali, na lata, para sermos mulheres de verdade precisamos ser mais macho que muito homem. Essa data oficial é mais uma prova irrefutável de que todos os dias do ano continuam sendo deles – completa Maria Alice, oferecendo chicletes para as amigas, assim que estaciona o carro.

Embaixo do edifício, adolescentes horríveis reunidos, crianças barulhentas no playground, porteiros em suas salas/aquários, sempre grudados na minitelevisão. As três silenciam.

O ar fresco promete uma noite fria e enluarada. Soninha faz uma bola. O chicle tem cheiro adocicado. Depois do estalo, ninguém diz nada. Um suspiro. Tédio. Uma delas ainda se sente viva. O céu turquesa de Brasília se desmancha em vermelhos, rosas e laranjas.

– Por falar nisso, neste espécime de três pernas... Vamos caçá-los, hoje? É sexta-feira, meninas. Quem sabe esta noite descobrimos se existem homens com pênis de verdade sobre a face da Terra – diz Soninha.

Aninha arremata:

– E, se não acharmos, que tal fazer como a Eliana e a Karla e providenciarmos uns consolos no Sex Shop? Tá valendo?

Enquanto a noite ensaia estrelas, e a Lua exuberante vem vindo, explodem gargalhadas fêmeas, femininas, loucas para brincar de amar.

## *Por que Casou?*

Ele era feio, pobre, maconheiro. Mas estava com vinte seis e se achava dono do mundo. Para ele, tinha certeza, a vida seria diferente. Tinha um pau bem grande, e isto garantia o sucesso com as fêmeas, em qualquer parte do mundo. Não tinha estudo, tipo escola tradicional, mas era escolado na malandragem, tipo PHD em ócio desde os dezessete anos. Fazia pose de artista excêntrico, um ar blasé, indiferente, e ia se dando bem. Naquela cidade do interior do Brasil, o suficiente era parecer. Parecer moderno, criativo, parecer cosmopolita.

Madrugadas em festas dos burgueses, cocaína, êxtase. Uma noite, chegou Marisa. Ela cantarolou o verso de Djavan: “Eu não sei dançar tão devagar para te acompanhar”. Ele achou massa, pegou-a pela mão e saiu pela casa procurando um computador. Queria mostrar seu Fotolog cheio de desenhos que fazia em guardanapos de botecos. A garota se divertiu com o jeito dele, pretensioso e alegre. Logo estavam aos beijos e, durante semanas, vozes bêbadas ecoaram nas madrugadas frias, nas ruas e becos da cidadezinha, onde passeavam em namoro. Logo também deixaram de lado a camisinha e Marisa engravidou.

Casaram numa chácara linda, numa cerimônia em estilo hippie, quer dizer, foi assim considerada, porque naquele lugarejo qualquer moda, mesmo ultrapassada, ainda era tratada como novidade. O padre, o noivo e a noiva com batas coloridas, o repertório musical cantado pelos amigos, ao violão e guitarra, foi o hit que embalava a

novela das sete. Tudo nos conformes da lei da moda. A lua de mel foi no Rio de Janeiro e São Paulo. Na viagem de quinze dias, tiveram tempo para brigas o suficiente para uma vida e, ao retornarem, separaram-se. Sem explicações aos pais, que aceitaram a decisão e até gostaram da volta dos filhos para casa. Afinal, “ele era feio, pobre, maconheiro”, disse uma sogra. Afinal, “ela era fútil, pobre e gorda”, disse a outra.

Dez anos depois, o cara continuava feioso, mas tinha enriquecido. Ainda gostava de Cannabis, mas tinha um repertório maior, que incluía cocaína e uísque. Marisa estava mais vaidosa. Agora, cultivava também o brilho da vaidade intelectual, era professora universitária e estava muito mais gorda. Tinha feito todos os regimes, até redução de estômago, mas não emagrecia.

“Ah, ah, ah e daí, se sou doutora nas ciências não tão ocultas do sexo”, dizia. Conformada, assumiu suas grandes dimensões e dava gargalhadas redondas, gostosas, de provocar o sorriso de quem ouvisse. “O importante é ser feliz, curtir a vida”, repetia à plateia de alunos fissurados. Enfeitados, sonhavam com aquela bunda imensa, com as montanhas de seios dignos de um filme de Fellini. Claro que levou vários para cama e os iniciou nas artes do prazer, com o prazer de professorinha que ensina o beabá para uma criança. Marisa tinha má fama na cidadezinha que encolheu com o passar dos anos. Cochichavam que era ninfomaníaca e ficavam excitados só de pronunciar o nome dela.

Enquanto isso, a gordíssima ria, gargalhava, oferecia colheradas de sorvete, fatias de bolo, doces, chocolates ao novo ficante, algum jovem bem inexperiente, cheio de espinhas e timidez, confuso com as ereções precoces e sem saber como se relacionar com uma mulher. Sem problemas, Marisa ensinava. “Beija aqui, lambe ali, chupa mais... Só uma mordidinha não dói”. Perto dali, na esquina da praça, o ex se deliciava, conferindo cheques e malas de dinheiro. O esquema de suborno funcionava bem, e ele era o maior contrabandista da região.



O pau já não funcionava direito, às vezes, apelava ao Viagra. Às vezes, o casal se encontrava. Trocavam insultos e acusações como fazem os casais depois que desapaixonam.

No meio da confusão, uma menina se esconde debaixo da cama e dentro dos armários para não ouvir o bate-boca dos pais.

A menininha cresce devagar, miúda, desajeitada, corre com garotos na escola, sobe em árvores, escala muros e telhados. Espiava no buraco da fechadura e descobria outros mundos. O mundo real dos adultos, com bundas em vaivém, gestos fora do cotidiano como abraços e beijos, bofetadas, segredos de família, o misterioso universo dos amantes. A menina olhava como quem assiste a um videoclipe e sonhava partir.

Via os homens trazerem carros e caixas para seu pai. Assistia às estrondosas cenas de raiva de sua mãe. Adorava quando Marisa esquecia a brabeza e se consolava falando de um novo amor comparando o sabor das frutas aos sabores dos beijos. “Boa de cama e mesa, em tudo há beleza”, dizia.

A mãe era culta e tinha sensibilidade para a poesia, disso gostava. Porém, mesmo gostando, sentia-se do lado de cá de uma vitrine, como espectadora obrigada a fazer parte de um enredo estranho. A menina queria partir. Um dia, fugiu. Não foi longe e trazida de volta, aos tapas.

Tentou outras vezes, mais duas. Não conseguia passar na fronteira daquela cidade no cu do mundo. Estava presa àquelas vidas. Achou que era irremediável. E foi assim que, aos dezessete anos, decidiu se casar.

Contudo, há outras possibilidades, escolha:

Dez anos antes...

Chovia e os soldados voltavam na noite fria. Ninguém acreditava que aqueles gritos eram de uma bruxa, as crianças, sim. Os adultos estavam acostumados aos cultos dos crentes, não poderiam ser berros de apenas uma pessoa. No chão o ponto desenhado em

forma de estrela, a impressão de um vulto sobrevoando, algum susto e o medo. Depois, quando amanheceu e a tempestade passou, vasculharam a floresta e os quintais. Não encontraram a menina e a história foi parar nos arquivos secretos. Quem admitiria que extraterrenos a levaram para um passeio galáctico, nas nebulosas?

Quinze anos depois...

Depois do divórcio, a menina se dedicou às pesquisas e encontrou a cura para a doença de Chagas. Sofreu represália da indústria farmacêutica, mas conseguiu divulgar seu trabalho, graças ao curtametragem, o documentário de seu talentoso e gostoso segundo marido. Ganhou muitos festivais, muito dinheiro e fez sucesso na Internet, mostrando como a vida pode ser boa numa palhoça e que a própria floresta oferece os remédios para a humanidade.

7 anos depois...

Em uma viagem ao Chile, a menina conheceu alguns nazistas na clandestinidade. Descobriu outras versões das guerras, acordos internacionais nos bastidores, partiu em um navio rumo à Antártida e nunca mais mandou notícias aos pais. Antes, percorreu florestas na Bolívia, conheceu a região da guerrilha e onde era Atlântida, fez anotações para uma reportagem para a BBC de Londres, escreveu três livros. Jamais se casou.

## *O Encontro*

Falam sempre que o tempo voa. Reclamam que os anos passam cada vez mais rápidos, mas não dimensionam o que isto significa. Foi assim com Mariinha, também. Um dia, acordou sentindo o peso dos recém-chegados 32 anos. Era linda e estava no terceiro casamento. Apesar do aparente sucesso que fazia nas colunas sociais e de levar uma vida de madame, sentia-se perdida, no fundo do poço. Não tinha coragem de fazer planos para o futuro, reclamava que estava enfraquecendo, envelhecendo.

Traduzindo, na linguagem feminina, o drama se resume à palavra engordando. Entrou e saiu das fases de regimes e de estourar os cartões de crédito. Queria aproveitar cada minuto, decidiu partir para a grande loucura.

Abandonou o marido, filhos, estabilidade, mudou de cidade. Partiu para Nova York. O maior desatino foi o novo namorado, um tipinho muito à toa. Em devaneio, Mariinha achava o caos super-romântico. Vivia para curtir a maluquice de transar três vezes ao dia com o talzinho bonitão. Cá pra nós, o bebum era bom de cama, nem precisava de droga. Mas a moça, apesar da ginástica sexual cotidiana, ainda se sentia derrotada e entediada.

Nesta época, chegou um e-mail que a impressionou. O título era Projeto Filadélfia. Falava de planos científicos secretos, envolvendo Ufos, invisibilidade, viagens no tempo. Coisas de maluco, do século vinte, diriam os cétricos. A mensagem transcrevia o depoimento de um oficial da marinha dos EUA e citava cientistas do porte de Einstein.

Depois disso, Mariinha cismou de lembrar de seus tempos de infância e adolescência, em Minas Gerais. Recordou com emoção das noites estreladas nas quais ficava olhando o espaço sideral, deitada na grama, durante horas, nas noites de sábado. A melodia de Lucy in Skay with Diamonts vinha à lembrança. Tempinho delirante, de experimentar tudo e embarcar na imaginação, viajandona. A maior – ah essa era a preferida – confirmar que tinha visto um Ovni, um objeto voador não identificado, sensacional! Ela jurou por todos os santos e até apareceu na televisão.

O disco voador rodopiante com seus brilhos – e voo de prato jogado para cima – atravessou o céu na madrugada fria, confirmou, no microfone do programa Fábio Cavalcante. Um vexame, que mico! Acharam que Mariinha tinha bebido um chá de cogumelo estragado ou era efeito do baseado. Riam da história que a mocinha repetia. Ela nem ligava, sacudia os ombros.

“Quem sentiu a vibração do Cosmo fui eu. Eles se aproximam porque percebem minha aura brilhante. Vai ver me querem, vão me buscar”, dizia. Quando era noite de Lua cheia, pegava o cobertor, subia no alto da pedra, no fundo do quintal. Levava o cigarro e a maconha escondidos, porque isso era moderno. Também era bacana falar mal dos militares, do capitalismo, amar Chico Buarque e se amarrar na poesia de Neruda.

Uma noite, enfim, foi abduzida. Não sentiu medo quando ele chegou. Olhos negros cravados nos seus. Ou seriam verdes de neon? Era um ser alto, muito alto e magro. No penhasco, corujas e morcegos movimentavam a paisagem. A nave estava próxima e, com um gesto, convidou-a a embarcar.

Eram quase duas horas da madrugada. Mariinha ouviu um som delicado, logo começaram a trocar fluidos. Os vidros e os olhos ficaram embaçados. Sentia calafrios, arrepiava, gemia. A abdução durou uma hora e meia, o suficiente para a moça se apaixonar e fazer juras de amor eterno.

“Muié, o bicho mais gostosinho do universo”, pensava o tal extra. Mariinha já queria partir com o alienígena. Ele explicou que

sua casa era muito distante, numa Nebulosa há zilhões de anos-luz. Viagem perigosa para uma frágil terráquea.

Acabou convencendo a moça, quando prometeu que, em breve, voltaria a esta Galáxia. Tradução da linguagem masculina: era casado. Fizeram amor, novamente. Sexo selvagem, saca? O carrão balançava. Dali em diante, sempre que Mariinha sentia prazer lembrava daquele ser que conseguiu fazer que se sentisse tão maravilhosamente puta.

O Sol se escondeu e renasceu muitas vezes. Enfim, o terceiro milênio havia chegado. Passaram décadas. E nada do tesudo ET pintar de novo. Figurinha difícil, esse. Se Mariinha soubesse quem ele se tornou, deletava a fantasia, não ia pensar em Ovni coisa nenhuma! A figura tinha criado uma pança, do tamanho das dívidas no banco e com sua esposa mais enorme ainda, porém, na vida real tudo é absurdo.

Uma noite, levada pela saudade, Mariinha retornou à cidadezinha. Voltou ao quintal da casa de seus pais, onde agora estava instalada uma rentável igreja evangélica. Foi para cima da pedra e com o binóculo buscou os seres da noite. Ficou horas recordando o encontro. Ali, junto às estrelas, percebeu o quanto sua vida era vazia. Teve um lampejo, consciência de sua burrice, baixa autoestima e o quanto precisava aprender.

Alguns meses depois, enquanto curtia profundo desgosto, em pleno Central Park, encontrou. Assim, por acaso ou por destino, finalmente, entregou-se pra valer e começou a conhecer o amor de verdade, infinito.

## *Revolução Tropicalista*

### - Entrevista com Rogério Duarte -

Entrevistei Rogério Duarte, em março de 1998. A matéria recebeu o título de *Revelações das Raízes Orientais do Tropicalismo*. Um título pouco polêmico, ao gosto do jornal, que queria distância de qualquer eventual ideia mais turbulenta. Talvez, se minha opinião fosse levada em conta no reino da redação, fosse intitulada *Eu Sou o Tropicalismo*, mais provocador, do calibre de Rogério Duarte. Mas a editora tinha razão, o título dela conseguiu sintetizar o turbilhão de ideias do artista, muito bem. É que eu gostava de impactar naquele tempo, quando a autocensura fazia estragos e era acionada para detonar qualquer iniciativa de criatividade no jornalismo. Também existia uma concepção de que um jornal conservador deveria tratar o leitor como um ignorante ou um ser superficial que detestava assuntos ou personagens controvertidos. Globalização, educação, arte, eram palavras sem ressonância, sob o jugo da típica mentalidade limitada da mídia provinciana.

De volta ao Rogério Duarte. Considerado guru de uma geração de artistas brasileiros, ele foi um dos mentores do Tropicalismo, o movimento que representou uma grande revolução cultural no Brasil, nos anos 60. E também ficou conhecida pelo desbunde, o outro lado da moeda da repressão e do golpe militar. Trinta anos depois, o papel de Rogério Duarte vinha à tona com uma homenagem no carnaval baiano e o sucesso do polêmico livro *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso, que o mencionou umas 50 vezes, aliás, eu mesma fiz as contas quando tive o prazer de ler a obra.

Rogério Duarte, artista multimídia, esteve em todas. Por trás, nos bastidores e, muitas vezes à frente, integrando as performances de ruptura de Hélio Oiticica, concebendo os famosos cartazes dos filmes de Glauber, atuando nas mais diversas frentes do movimento como artista gráfico, músico e – importante – fazendo as cabeças, principalmente no sentido filosófico, claro. No livro, *Glauber Rocha, Esse Vulcão*, de João Carlos Teixeira Gomes, também tinha sido lembrado, da mesma forma que em *Aspiro ao Grande Labirinto*, de Hélio Oiticica, e em textos de Sarraceni, entre outros.

Na época desta entrevista, Rogério Duarte deixava de ser referência para ser protagonista e apresentar sua profunda e diversificada obra. Na conversa, falamos sobre o trabalho de criação relacionado ao do *Bhagavad Gita* – um maravilhoso texto clássico da cultura oriental existente há cerca de cinco mil anos –, que tinha acabado de traduzir e lançado junto com um CD, *Canções do Divino Mestre*, com a participação de dezenas de cantores e compositores da MPB, de Gil a Chico César.

A entrevista rendeu, ele tratou de questões que remetem ao que existe de essencial e novo no Tropicalismo, algo que ainda não foi absorvido, nem dimensionado, na sua opinião. Para o artista, o que está explícito é apenas a face folclórica do movimento. Aos poucos, explica, está começando um processo de “desocultação” de uma proposta que foi, acima de tudo, “de contestação do paradigma da supremacia etnocêntrica ocidental”. Rogério assume que gostaria de reponder ao Caetano Veloso, “apesar de ser um gênio, ele não é Deus”, provoca, e considera como maior ponto de divergência o que considera como “um certo ocidentalismo” da visão de Caetano.

A primeira noite de autógrafos do *Bhagavad Gita*, no Brasil, foi no Instituto de Ioga de Goiás, em Goiânia, no dia 17 de abril de 1998, com uma palestra e apresentação do músico.

**NT - Como foi desenvolvido o trabalho de tradução?**

**RD** - O livro é uma tradução desse clássico indiano milenar chamado *Bhagavad Gita*, que inclusive já teve outras traduções em português. Só que a especificidade da minha é que eu traduzi em versos, em forma de versos típicas da canção popular brasileira. Por isso,

trechos dele foram musicados, e o livro sai juntamente com um CD, do qual participam muitas pessoas.

**NT - Essa estrutura seria próxima ao Cordel?**

**RD** - Em parte sim, a estrutura do verso é a mesma do Cordel, ou seja, o verso de sete sílabas, o heptassílabo, que é o verso típico. Tanto assim que o disco tem vários cantores de cordel que cantam, mas não necessariamente o Cordel. É o verso da Música Popular que é usado no Cordel, mas também é usado em Samba. O verso mais frequente na Música Popular Brasileira é este: o heptassílabo.

Tanto em Cordel como em geral, em Música Popular. Nesse caso do disco, como a própria estrutura é uma narrativa que tem uma certa afinidade com a literatura de Cordel, é certa a sua pergunta. Tem a ver, pode-se dizer que é a estrutura do Cordel.

Agora, tem um capítulo inteiro onde uso outra estrutura de verso, o decassílabo. Um verso mais comprido, mais erudito, que é dos Lusíadas, por exemplo. É o verso típico dos sonetos, um pouco mais difícil de trabalhar porque tem suas acentuações obrigatórias. É um verso um pouco mais complicado. Tem um capítulo que é em dez sílabas e outro todo nestes heptassílabos que se podem associar ao mesmos versos da literatura de cordel.

**NT - Seu trabalho faz uma ligação entre o Clássico e o Popular...**

**RD** - Na verdade, essa ligação sempre existiu. Tudo o que hoje chamamos de popular ou oriundo do popular... Se você vê a Música Clássica, aquelas suítes, por exemplo.

Suíte é uma série de dança, são bailes populares que são transpostos de forma erudita. Eu nunca vi muito esta oposição entre o erudito e popular. O próprio *Bhagavad Gita* é parte de um grande poema épico indiano chamado *Mahabharata*.

**NT - E essa ligação com a Índia. Você viveu lá?**

**RD** - Eu não vivi na Índia materialmente, mas posso dizer que vivi na Índia espiritualmente, porque sou discípulo de um discípulo de Prabhupada. Eu tenho até um nome iniciático, meu nome é Raghunatha, que significa senhor da dinastia de Raghu, que é um dos



nomes de Krishna ou seus cognomes, títulos, têm milhares e milhares de nomes... E crescido da palavra Dasa, que significa servo.

Como sou iniciado nesta tradição Vaishnava – isso poderá ser visto no prefácio do livro –, dou uma descrição da filosofia, do ponto de vista filosófico que orientou nossa tradução e tudo mais... O Sânscrito vem disso. Eu estudei Sânscrito, todo discípulo de Prabhupada necessariamente é um estudioso de Sânscrito, é parte de nossa tradição diária o estudo dos Shastras, ou literaturas sagradas da Índia, que estudamos sempre cantando os textos no original. Inclusive é um dos objetivos que saibamos de memória uma grande parte desses versos. E eu, embora não seja um dos de melhor memória, também conheço, de memória, uma boa parte do Gita. Tanto assim que no disco tem partes em que recito em Sânscrito.

Ao longo desses anos de iniciação – comecei o trabalho em 1978 e interrompi por volta de 1980 – eu passei anos estudando bastante Sânscrito. Quando digo que estudei, estou falando da forma de estudo dentro da nossa linha. É um método em que a gente não estuda como na universidade, a gente estuda como se fosse um processo de Ioga, ou seja, a gente canta as canções, diz os mantras, ouve as aulas.

**NT - Que linha é essa?**

**RD** – É Hare Krishna.

**NT - Você morava nos templos?**

**RD** - Morei em vários templos. Eu entrei no movimento, em Salvador.

**NT - Como se interessou pelo Hare Krishna?**

**RD** - Foi todo um processo. Eu já tinha vivido em templo budista muitos anos antes, fiz parte da Sociedade Brasileira de Eubiose, também fui proposto como membro da Rosacruz, acabei não me inscrevendo, mas tive uma associação bem próxima. Em todos estes grupos, a gente procurou estudar a sabedoria hinduísta. Como autodidata, eu vinha lendo e estudando isso há muito tempo. O *Bhagavad Gita* eu já vinha lendo outras traduções, desde rapaz. Em todas essas traduções esotéricas se estuda o conhecimento védico, da Índia. Pelo desejo de me aprofundar mais e mais, encontrei este

grupo que é conhecido popularmente como Hare Krishna que, aliás, é conhecido e desconhecido, porque todo mundo tem uma visão folclórica do Hare Krishna.

Associa sempre àquelas pessoas que estão vendendo incenso na rua, esquecendo que é atualmente, no mundo, o maior centro de estudos da cultura védica e do Sânscrito. Inclusive o meu mestre espiritual, que é desse movimento, é PhD pela Universidade de Harvard e professor de Sânscrito Avançado na Universidade de Bertley, da Califórnia. Ele é um erudito, foi quem traduziu o *Bhagavad*, que continuou a obra de Prabhupada, traduzindo para o inglês os clássicos da Índia.

**NT - Podemos dizer que a cultura oriental, o Sânscrito, está na base da cultura ocidental?**

**RD** - Acho que sim. Dias desses, estive aqui um aluno meu de Sânscrito, e ele ensina Etmologia e Linguística Comparada. Ele afirmava exatamente isto. Quem estudar o Grego, o Latim, ou qualquer outra língua clássica, tem de se reportar ao Sânscrito como a origem de tudo isso. Quase toda raiz clássica vai encontrar um correspondente Sânscrito. Quase todas as palavras, os nossos algarismos, vieram de lá, a gente pensa que é do Árabe, mas o árabe trouxe da Índia. O Sânscrito é chamado de língua-mãe, entendeu?

Essa língua-mãe, pelo menos do tronco que nós chamamos de indo-europeu, do qual fazem parte as nossas línguas, a base – digamos mais tradicional –, o alicerce de tudo é a Língua Sânscrita, que por sua vez vem do Védico. Eu, como sempre gostei de Linguística – é aquele negócio, eu quero alcançar o conhecimento védico, mas não quero simplesmente o que os caras falam –, senti necessidade de ir procurar os próprios textos antigos da Índia e no Hare Krishna tive essa oportunidade.

Prabhupada, o fundador do movimento Hare Krishna, trouxe da Índia uma série de obras que ele mesmo traduziu, mas mantendo ao lado o original, na escrita original. Como eu sou Brahmana, iniciado nesse movimento – Brahmana significa aquele que tem duas iniciações, é aquele que estudou, que se pressupõe tem uma base do conhecimento, da filosofia – eu traduzi outros livros para o

movimento, como *O Néctar da Devoção*, já em 1978, eu trabalhava na editora, mais na área de pesquisa. Têm muitas maneiras de participar do movimento Hare Krishna.

**NT - Poderia dizer que você é mais ligado à área de pesquisa por questões artísticas do que espirituais?**

**RD** - Você pode participar como sacerdote adorador, aquele que cuida dos templos, das deidades, ou como aquele que divulga os livros ou como aquele que traduz. No meu caso, eu era um membro tradutor do movimento, pelo meu interesse em aprofundar o conhecimento e por certas coisas de caráter espiritual inexplicáveis, que se compreende por reencarnações. Tenho uma boa bibliografia do Sânscrito que vem da Índia.

**NT - O que é Bhagavad Gita?**

**RD** - É um diálogo entre Krishna, que é o mestre e Árjuna, que representa o discípulo, a alma condicionada, ou seja, nós humanos, que em determinadas situações da vida nos sentimos muito angustiados devido às contradições, dúvidas... Nesses momentos, o mestre se manifesta diante de nós, puro e para nos transmitir o conhecimento espiritual.

É disso que se trata o livro que eu traduzi com objetivo muito espiritual, além de artístico. Porque é um texto universalmente celebrado pelos maiores artistas e intelectuais da humanidade, em todos os países e de qualquer religião.

Eu comecei o trabalho em 1978, interrompi em 1980 e retomei em 1996, ou seja, 16 anos depois. Agora vou até o fim. Não foi feito assim como uma tradução qualquer, feita comercialmente. Eu estava num momento em que pude ter a disciplina toda. Porque é um trabalho que exige muita devoção, muita serenidade. É uma coisa que você tem de meditar profundamente sobre o significado de cada palavra, a intenção do verso.

E tem de estar com o estado de espírito meio monacal como estive de três anos para cá, ou seja, vegetarianismo, não-intoxicação, nenhuma prática considerada pecaminosa mesmo em nível mais grosseiro, acordando cedo e tendo essa disciplina, eu tive a

oportunidade de fazer este trabalho que dificilmente uma pessoa que não esteja em um processo desse faria.

Porque, inclusive, foi mais de um ano de trabalho sem nenhum pagamento, sem nada. Uma coisa que decorria da minha própria necessidade espiritual de me aprofundar no texto, em um estudo sistemático, convivendo com cada verso, procurando também a métrica adequada, entende?

**NT - A ideia do CD, como surgiu?**

**RD** - Quando o livro estava pronto, a editora sugeriu que eu fizesse também um disco, já que eu não era um autor muito conhecido. Era uma maneira de tornar o produto mais atrativo. Então foram mandados para muitos astros da MPB trechos das traduções, que eles musicaram.

É muita gente entre intérpretes e compositores, todos participando espontaneamente, de uma forma não-comercial. Ai você têm Gilberto Gil, Gal Costa, Elba Ramalho, Tom Zé, Titãs, Lenine, Chico César. É uma turma muito grande, são 32 faixas, sendo que algumas foram interpretadas pelos próprios compositores e outras por intérpretes. Entre músicos e instrumentistas, há a participação de quase cem pessoas. E todo mundo aderindo voluntariamente. O disco – dizem todos – está muito bonito. Eu faço uma antologia, uma escolha de alguns versos. O livro vai ser lançado acompanhado deste CD.

**NT - Qual o nome do CD?**

**RD** - O nome da tradução do Gita é Canção do Divino Mestre, então o nome do CD ficou *Canções do Divino Mestre*.

**NT - Qual e a participação de Caetano Veloso no livro?**

**RD** - O prefácio é dele, que também ajudou na revisão, sobretudo da poética, da métrica. Teve outro revisor, Carlos Rennó, de São Paulo. Eles foram meus dois braços direitos.

**NT - Por falar em Caetano, no livro *Verdade Tropical*, ele fala umas 50 vezes em você e, na biografia de Glauber Rocha, de João Carlos Teixeira Gomes, você também é citado.**

**RD** - Olha, se você pesquisar, tem mais, dezenas de livros. Ficou na moda falar de mim.

**NT - E o que você acha disso?**

**RD** - Interessante. Até uma certa idade, eu vivi mais ou menos oculto, de repente, começaram a lembrar de mim. Eu citaria, também, os livros de Carlos Callado, do Gil, do Antônio Risério, do Luiz Carlos Maciel, das Cartas do Glauber, do Sarraceni, do Hélio Oiticica – *Aspiro ao Grande Labirinto* –, do Frederico Morais.

De repente, foi se criando uma bibliografia, uma coisa que nem me envaidece, mas que de certa maneira eu acho justa.

Porque eu fui uma pessoa muito engajada no movimento artístico brasileiro. Não só na Tropicália, como no Cinema Novo, no Concretismo, em todos os movimentos da vanguarda brasileira participei muito ativamente e como sempre fui um militante, nunca me preocupei assim com essa coisa do astro. Na verdade, até fugi disso. E também aconteceram fatos na minha vida, como a prisão e torturas, em 1968.

**NT - Cacá Diegues também fala sobre este assunto numa carta ao Glauber. Foi em função disso a mudança de perspectiva em sua vida. Você era comunista...**

**RD** - Eu acho. Por conta disso, em relação à vida, o fato da prisão e das torturas primeiro me levou a uma crise psicológica muito grande. Foi um caso inédito, eu fui a primeira pessoa de classe média que foi torturada e denunciou os torturadores. Isso criou uma situação em que eu tive de ir para a clandestinidade porque fiz as denúncias, tive de me tornar uma pessoa anônima.

Eu era muito mais na mídia até a prisão. Depois da prisão eu tive... é aquilo que dizem, Quarta-Feira de Cinzas no País, muita gente se tornou exilada, então foi um período de morte, de degredo, que nós experimentamos. E uma ressurreição recente, consequência do processo de redemocratização. Com o depoimento de pessoas da época, vem se esclarecendo uma série de coisas que estavam ocultas, como a minha participação nessas coisas todas.

Sempre fui uma pessoa muito falante, a minha militância se dava muito assim, como um profeta da palavra. Aquela pessoa que chega pro Glauber, pro Caetano, pra todo mundo e participa de todas as discussões ativamente. Sempre tive assim uma postura

de reserva, porque sempre achei que o artista, além da participação social, deve ter uma obra sua, pessoal. Eu nunca quis aparecer se não fosse associado à produção de uma obra e como fui sempre muito produtivo... Eu produzi muito na área das artes gráficas e por isso fiquei mais conhecido na época. Mas havia todo um outro trabalho de escritor, poeta...

**NT - Você planeja lançar logo outros livros?**

**RD** - A partir do *Gita*, planejo lançar o resto da obra.

**NT - E na área da música?**

**RD** - Com esse disco, adquirei mais 32 parceiros. Eu também sou músico, sou violonista erudito, estou preparando um disco. São facetas, fica difícil me entender, “qual é a desse cara?”. Bom, Leonardo Da Vinci era o quê? São pessoas que têm esse tipo de personalidade, multimedial, entende? Isso também ficou difícil de ser entendido devido ao tipo de cultura tradicional brasileira, onde todo mundo tem de ser rotulado. Fui uma pessoa pouco compreendida devido à minha atuação ser muito diversificada.

E eu próprio, na minha complexidade e problemas psicológicos, demorei muito para amadurecer. Devido a essa situação da prisão, eu passei dez anos praticamente isolado, vivendo em fazenda. Tive de aprofundar meus estudos, eu sempre gostei da ideia de uma cultura sólida, profunda. Não ser esse tipo de intelectual de bar que cita todo mundo, mas não conhece nada seriamente.

**NT - Você atua na área acadêmica?**

**RD** - Sou professor universitário, trabalhei em várias universidades. Atuo tanto na área de Ciência como na área de Arte.

**NT - E o jogo de xadrez?**

**RD** - Sou especialista em xadrez, fui diretor da Federação Brasileira de Xadrez, traduzi livros de xadrez, desenvolvi todo um sistema de design de peças de xadrez e de ícones gráficos para partidas de xadrez, escrevi trabalhos sobre a história do xadrez. A minha mente é muito voltada para o conhecimento hinduísta.

Esse é o jogo predileto de Krishna e todo o Mahabharata se desenvolve a partir da história de uma partida de xadrez. Eu editei uma revista de xadrez, em Brasília, chamada *Lance*. Até traduzi

sonetos de Jorge Luís Borges sobre xadrez mostrando esse caráter esotérico, profundo, do xadrez. O meu interesse vinha muito desse lado, na verdade de um desejo de buscar uma fundamentação. Isso vinha desde o Tropicalismo: um desejo de transcender, de superar o paradigma cartesiano-materialista.

**NT - A partir da experiência de vivenciar intensamente o movimento cultural brasileiro ao longo de décadas, como você o avalia hoje?**

**RD** - Bom, quando se fala hoje, o hoje para mim é, pelo menos, esta metade do século. O meu hoje começou no fim dos anos 50 e continua até agora. Por exemplo, eu estou lançando o meu primeiro livro.

Porra, ainda não lancei. Então, eu sou um estreante. Quando se diz hoje, eu não vejo muita diferença do ontem. Pelo menos a partir da minha geração para cá, que ainda está viva e atuante. E como sou muito dedicado à produção artística, à minha própria e à dos meus parceiros, eu não sou assim um crítico. Acho tudo maravilhoso, tudo que tem acontecido, desde que houve essa revolução brasileira nas artes, que continua até hoje, tem aparecido muitas pessoas maravilhosas. No meu disco mesmo, você vai ver que vai desde os velhos baianos até o rock de Cássia Eller. Eu estou juntando ali, passado, presente e futuro. Eu não sei como responder a essa pergunta.

**NT - Hoje tem aquela história de que você é um dos pais do Tropicalismo. O que acha desse título?**

**RD** - Indiferente pelo título em si.

**NT - Caetano, em *Verdade Tropical*, considera-o um dos pensadores, um dos teóricos, digamos, do Tropicalismo, há 30 anos...**

**RD** - Aí é que está, Caetano é o começo de um processo de desocultação, de revelação, de esclarecimento das coisas. Mas muita coisa ainda falta, porque acontece que a própria celebração de algo simplifica muito. Hoje em dia, todo mundo vê o Tropicalismo como um Movimento da Música Popular Brasileira e esquece as

outras dimensões do Tropicalismo ligadas à cultura mais erudita, à parte das Artes plásticas, da Filosofia e do Cinema.

**NT - Você participou de performances com Hélio Oiticica?**

**RD** - Claro, claro. Então, hoje me interessa escrever muito também, como esta entrevista que eu estou dando, e esclarecer outros aspectos, porque todo mundo pensa que conhece o Tropicalismo e o Tropicalismo, em parte, foi abortado.

Ele teve esses artistas que se celebrizaram, notabilizaram, mas teve também gente que teve contribuição importante e que não é conhecida. Virou esse oba-oba, essa apoteose tropicalista, mas há um desconhecimento. Tem um texto do Hélio Oiticica em que ele diz isso. Está todo mundo agora falando em banana, só ficou do Tropicalismo a parte folclórica.

**NT - E era justamente o que o movimento mais condenava.**

**RD** - Exato.

**NT - Isso é porque existe uma ligação entre os Tropicalistas e os Modernistas, a Antropofagia, os conceitos de Oswald de Andrade?**

**RD** - Também é. E não só com isso, isso o Caetano e o Gil falam, mas as teorias e as ideias básicas do Tropicalismo ainda são, em grande parte, desconhecidas. Então, agora está no momento de essas coisas virem à luz.

O próprio trabalho de Hélio de Oiticica, que ficou celebrizado porque ele morreu, ninguém conhece, porque é um tipo de arte erudita, de que o povo gosta e que consome em parte, mas não sabe o que é. Daí porque eu tenho vontade de falar sobre o assunto. Acho que os livros do Hélio deveriam ser melhor lidos. E outras coisas mais, como o trabalho do Glauber.

**NT - O que estava por trás do Cinema Novo?**

**RD** - Por trás de tudo isso, da discussão artística brasileira, existe um conjunto enorme de ideias que não foram nem compreendidas, nem absorvidas. Como se uma parte da revolução não tivesse se efetivado completamente. Só uma parte superficial foi realizada. A parte mais profunda ainda está por se realizar. Por



exemplo, esta busca de novos paradigmas filosóficos, esta tradução do *Gita*, estão nessa linha.

**NT - Então este livro faz parte desse contexto de revolução cultural?**

**RD** - Quando você vê o trabalho do Gil em busca de paradigmas não-materialistas ocidentais, a busca do conhecimento hinduísta estava na base do Tropicalismo. Durante o movimento, estávamos colocando em questão essas coisas todas, a Teosofia, a Eubiose. Tem uma música do Gil em que ele fala: “... eubioticamente atraídos pela luz do Planalto Central das Tordesilhas” / “um objeto sim, um objeto não, um vindo do céu outro do chão”.

Naquela época, nós estávamos em profundo diálogo, eu estava fazendo parte da Eubiose, estudando já essas bases. Isso está na base do Tropicalismo, no entanto, ficou só a parte superficial. A parte, digamos, da moda, como se fossem bananas, vitória-régia, jacaré, como diz Torquato Neto, entende?

Mas a contestação do paradigma da supremacia etnocêntrica ocidental, essa ainda falta muito para ser esclarecida. Então, todos esses trabalhos que estamos fazendo agora... É como se Deus tivesse me deixado vivo para contar a história. É uma série de incidentes que fizeram, por exemplo, que você me descobrisse e quisesse me entrevistar. Dez anos atrás, ninguém sabia nem que eu existia. Isso propicia a ocasião de um aprofundamento maior, porque apesar de Caetano ser um gênio, um grande artista e uma grande pessoa, ele não pode ser o porta-voz único de uma coisa, porque ele não é Deus, ele também é uma pessoa como todos nós, que revela um aspecto, uma parte das coisas. Na medida em que tudo é centralizado em Caetano, isso, de uma certa maneira, faz um pouco de injustiça ao caráter coletivo do Movimento Tropicalista

Hoje, eu sinto necessidade de abrir outras linhas de atuação, de discussão. O próprio Gil pouco fala a respeito, há toda uma linha de busca filosófica, esotérica, estética, metafísica, ou não-metafísica, há toda essa filosofia no meu trabalho, no de Hélio Oiticica, de Glauber e de tantas outras pessoas da época. Mas ficaram associados,

o Glauber ao Cinema Novo; Caetano ao Tropicalismo; Hélio Oiticica à Nova Objetividade.

**NT - Qual a proposta que eles tinham em comum?**

**RD** - A ideia específica do próprio Tropicalismo, de que eu me lembro bem, que eram as atuações de vanguarda minhas e do Hélio Oiticica que serviram de inspiração e inauguraram, deram, digamos assim, o start no movimento, mas cujas propostas ficaram ignoradas.

As implicações estéticas, religiosas, políticas, filosóficas do Movimento Tropicalista ainda estão, em grande parte, ocultas. Eu fiquei um pouco para trazer, tudo o que eu fiz foi em decorrência do Tropicalismo. De certa maneira, sou o próprio Tropicalismo, em certo sentido, porque eram os valores mais profundos das nossas inquietações que estavam, digamos assim, como material básico do movimento tropicalista.

Muito dessas coisas só estão se desenvolvendo agora. Eu diria trabalhos de caráter científico, antropológico, sociológico e tudo mais. Acho que esse negócio de situar historicamente, dizer que faz 30 anos, é uma forma de colocar uma pedra em cima de uma coisa que ainda está viva, viva e não-absorvida ainda.

Daí, eu estava brincando, vou escrever um livro chamado *Mentira Tropical*. Claro que é brincadeira. Tenho vontade de discutir, de até polemizar com Caetano. Eu o respeito e gosto muito dele, mas a visão dele, um certo ocidentalismo dele não é compartilhado por mim.

**NT - No livro, ele conta que recusou os “caminhos” para a espiritualidade...**

**RD** - Ele recusou. Ele teve uma **bad trip de auascar**, de vegetal e outras coisas mais, então o caminho das drogas, tudo, que foi um negócio que abriu mil dimensões para a mente ocidental, tudo isso é passado por cima. Então fica uma coisa meio careta do Tropicalismo. Tem de ter uma versão diferente, também. A parte que o Caetano revela é apenas um aspecto, uma pequena parcela da verdade tropical.

Ele devia ter colocado como título *Aspectos da Verdade Tropical*. Há outros: essa questão da espiritualidade, a busca das

drogas, de outros paradigmas, do alternativo... Outras coisas que estão aí, em outras áreas de que ele não participou.

Ele ficou circunscrito aos valores da sociedade tradicional enquanto membro de um movimento totalmente inserido no contexto, como Música Popular. Embora, de uma forma muito inteligente, ele proponha uma discussão. Ele deu o lance, mas precisa da resposta.

**NT - Você vai dar a resposta?**

**RD** - Eu não tenho a grandeza do Caetano para dar a resposta completa. Mas pretendo dar alguns aspectos, esclarecer... Esse livro meu mostra coisas que Caetano não cogitou. Tem um outro livro sobre a teoria das coisas, em que eu vou discutir toda a história da teoria da percepção, dos valores, que são aspectos da cultura tropicalista altamente eruditos, científicos, que não fazem parte do universo das cogitações de Caetano. Há coisas do Tropicalismo de que Caetano nem sabe.

**NT - O livro *Teoria das Coisas* você vai lançar este ano?**

**RD** - Pretendo. Estou desenvolvendo, mas estou com problemas para resolver a minha situação, talvez eu tenha de desenvolvê-lo dentro de uma estrutura acadêmica.

**NT - Você está lecionando na universidade?**

**RD** - Ainda não voltei, mas espero que dentro de pouco tempo eu já esteja em alguma universidade. Por enquanto, estou na fase de transição, tenho possibilidade de vários cursos.

**NT - Quais cursos?**

**RD** - Aí é que está, eu queria inventar uma matéria chamada... Aliás, que não tem nem nome... Uma matéria multimídia, um trabalho que eu tenho chamado Musicor, que eu comecei com o próprio Caetano e se desenvolveu profundamente ao longo dos anos. Que tenta estabelecer uma teoria neopitagórica para certos princípios estéticos que estão presentes em todas as artes.

Princípios de harmonia e desarmonia, em relação a cores e sons, com uma visão bem contestadora do conhecimento que está por aí, nas universidades e que separa tudo em compartimentos isolados.

**NT - Você iria para a Faculdade de Arte?**

**RD** - Aí é que está, tem um ditado que diz: “Não se pode pôr vinho novo em odres velhos”. Cada conteúdo novo busca uma forma nova, daí a minha própria dificuldade de encontrar.

E fundei, em Brasília, um Instituto Bhaktivedanta de Filosofia e, na Bahia, tenho um estúdio que posso transformar numa escola. Eu estou sem saber se o que posso fazer cabe em estruturas conservadoras tradicionais, ou se precisaria de uma nova estrutura para isso. Porque são novos métodos que incluem, por exemplo, essa metodologia da Ioga como processo de conhecimento.

São valores completamente diferentes dos paradigmas de uma sociedade industrial moderna, pragmática, onde as pessoas se formam para ganhar dinheiro numa determinada profissão. A minha proposta é muito mais filosófica, muito mais revolucionária, no sentido de propor uma nova totalidade, uma contestação de toda uma série de mentiras que foram se acumulando ao longo dos últimos séculos.

É preciso discutir tudo isso, levar a coisa do pensamento um pouco mais adiante, eu tenho esta inquietação, mas devido ao conjunto de coisas... Imagine uma pessoa que tem de exercitar prática instrumental diariamente, estudo de línguas clássicas e ainda trabalhos profissionais para manter a família.

**NT - Você saiu da universidade na época da ditadura?**

**RD** - Não, eu sempre dei cursos de extensão ou em instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio, fundações culturais e outros espaços não-tradicionais. Aí é que eu desenvolvi a maior parte do meu trabalho como professor.

**NT - Você não recebe direito autoral?**

**RD** - Muito pouca coisa, tem muita coisa que eu não quis correr atrás. Porque é um processo, nesse país não se respeitam direitos autorais. De repente, não compensa. A lei nova pode até dar esperança para os meus filhos no futuro. Eu também sou anistiado político, só agora ganhei, estou na fase final do meu processo de aposentadoria. É bem provável que eu volte a lecionar na UnB, tenho um convite para a Fundação Alves Penteado, da Escola Superior de Desenho Industrial, do Rio, e tenho também da Universidade da Bahia.

**NT - Qual a sua participação na fundação do Parque Lage, no Rio de Janeiro?**

**RD** - Eu fui fundador, junto com Lina Bo Bardi. E ninguém sabe, isso foi na última gestão do Lacerda como governador. Nós fizemos o projeto de transformar a mansão dos Lage numa escola. Esse projeto teve uma fase experimental de que eu participei junto com Lina, Glauber Rocha e outros. Depois, no governo de Negrão de Lima, foi desativado. A fase embrionária foi desenvolvida pelo nosso projeto.

**NT - E o Museu de Arte de Brasília, como foi sua experiência como diretor, com a burocracia brasiliense?**

**RD** - Eu fiquei fora dela, por isso mesmo fui obrigado a pedir demissão depois, porque eu criei a Sociedade dos Amigos do Museu e consegui – através do meu trabalho diplomático – captar recursos, realizar exposições maravilhosas, foi um período de intensa vida cultural do museu. Mas eu não gostaria de voltar, eu não sou burocrata. Valeu porque voltei a Brasília, levei cursos, criei a escola de arte infantil, dinamizei as oficinas, acho que fiz um belo trabalho.

Mas eu sou muito mais um professor do que um diretor de alguma coisa, eu não gosto de cargos burocráticos. Como todo artista, eu tenho uma espécie de sociopatia e cometo muitas gafes. Na época em que eu fui diretor, ofereceram um jantar para mim, e eu não compareci, pegou mal, não sou muito de compromissos sociais, acabo rompendo algumas etiquetas e me complicando.

Em Brasília é como uma corte, as sutilezas dos jogos de poder são elevadas, então tive dificuldades, acabei me marginalizando.

## *Feridas Abertas por Amores (e Políticos) Contrariados*

Abre o laptop e tecla: eu vírgula dois pontos quero vírgula abre aspas desligar o computador vírgula e me concentrar ponto vírgula reticência //http://www... A tela em branco espera um personagem ou a invasão de anônimos. A multidão vem vindo do século XIX. Lembranças da Paris de *Os Miseráveis*.

Ana se acomoda na poltrona, repara nas cortinas e no papel com desenhos delicados que recobre as paredes do quarto de hotel. Digita no diário eletrônico: “Minha barricada, teu corpo. Meu cantar, tua boca. Abismos do mundo. Victor Hugo descreve a tragédia provocada pela paixão. Fantine prostituída vende os cabelos e dentes para alimentar a filha. Séculos depois, há tantas mulheres que precisam de maridinhos na coleira, pit-bull desdentado, broxa, gigolô, oferecendo a imagem de proteção. Por que somos seres tão desesperados por amor? Por que as mulheres ainda se rendem por tão pouco?”.

Ana se sente miseravelmente plantada no Brasil do século XXI. Desvia a atenção para a televisão. Na telinha, a barricada dos oportunistas numa invasão de terras, em Goiânia. As imagens são patéticas, o grotesco jornalismo via-satélite não a comove. Alguns oportunistas bem-vestidos, bem-alimentados se misturam aos pobres desgrehados na cena sob o Sol e a poeira avermelhada, no ermo

do cerrado. Começa o telejornal, e a guerra no deserto, na imagem desregulada do televisor, é azul.

Ainda lembra das personagens de Victor Hugo, mistura as emoções e tecla: “Outra, ou a mesma humanidade? Ideais, ideias de Napoleão. Waterloo é aqui. Beijo perpétuo na boca de pedra, carícia de novela, crueldade, injustiças”. Desiste de escrever o diário no Blog, em cujas páginas virtuais desabafa quase todos os dias escondendo a identidade, sob o pseudônimo de Sabrina.

– Loucura! – geme, exausta da porcaria que a tevê despeja.

Não há nenhuma notícia sobre a explosão em Alcântara. A fina flor da ciência brasileira desaparece sob ataque norte-americano, na melhor base de lançamento de foguetes do mundo e não sai uma linha no noticiário. Nem nos Portais. Ana cansa de procurar informações na Internet e larga o notebook. Abandona o quarto de hotel e vai caminhar na praia. A areia está limpa, clara. Cheiro forte vem na brisa. Água fria, angústia e solidão. Copacabana, depois de 25 anos, está mais linda. A última vez que esteve ali ela despachou seu primeiro amor, “tipo despacho de macumba mesmo”, pensa, e sorri ao lembrar.

Era 31 de dezembro de 1978, noite de virada de ano e brigaram feio. Ana amanheceu escrevendo a palavra Roberto, dezenas de vezes, na areia molhada. Flores para Iemanjá, na espuma das águas e na areia uma multidão aos beijos, abraços de feliz Ano-novo. As ondas se encarregaram de apagar, destruir, arrastar a dor para o fundo do mar. Escreveu de novo, novamente e outra vez, o nome de Roberto na areia. Quando o Sol chegou com 1979, ela era outra. Não era mais uma alegre mocinha, era só desilusão. O coração em mágoa.

Hoje, a sensação voltou, a explosão na praia nordestina é assunto confidencial. “Devo esquecer, esconder a verdade, mentir, repetir que foi um acidente”. Ressurge a dor, sofre do mesmo modo, intensamente. Antes foi dor emocional, a tragédia pessoal, intransferível. Agora se sente arrasada por perceber a tragédia amplificada, por pertencer a uma grei infame, a um povo laçao, servil, bárbaro.

Em outros tempos – quando resplendia juventude – o motivo do sofrimento era um rapaz forte, alto, moreno, charmoso como

um português galã de novela. A herança árabe no olhar forte numa miscigenação de raças, receita da alquimia, da beleza brasileira. E a decepção foi constatar que o amor de sua vida era capaz de pagar por sexo.

Uma romântica, mesmo sendo uma cientista, tem dificuldade de aceitar o comportamento dos machos. Ainda ressoam, junto às lembranças de Ana, os sons de tambores e as flores de Yemanjá, a explosão de brilhos e cascatas dos fogos de artifício despejados dos prédios. Conheceu a amargura, um desgosto que lhe lembrava o atordoamento que sentiu aquela personagem de Tchekhov quando entra pela primeira vez num prostíbulo.

O caipira do interior de Minas, o noivo dela, foi passar as férias no Rio de Janeiro e ficou deslumbrado com as prostitutas das esquinas de Copacabana. Ela, a namoradina apaixonada, pegou Roberto no flagra, surpreendeu-o no minúsculo apartamento, com a putinha de saia transparente, calcinha de fora, saída da lata do lixo. Ana rabisca na areia a forma fálica de um foguete e as ondas apagam o desenho. Nunca mais quis saber dele. Nem de ninguém. Perdeu o encanto por namoros, destruiu as fantasias, tratou como erva daninha qualquer afeto que teimasse em surgir.

Para ela, amar ganhou novo significado, passou a significar apenas sedução. Um fogo sob controle, jogo de emoções em segredo. Ana mistura as amarguras de ontem e as de hoje. Quer apagar da memória a lembrança de que entregou o corpo virgem, como quem se atira num abismo, ao namorado seguinte.

Agora sofre pela tragédia de um povo ludibriado, traído por seus governantes. Recorda o copo vazio, na mão do Presidente meio embriagado, na silenciosa noite do palácio desabitado, dizendo: “Não, não pode sair uma linha a respeito. Nem tocar no assunto nas aulas e conferências”. Ana cisma e conta para o mar as palavras do chefe do governo: “É uma merda, mas é o tributo da Ciência à Política!”

Cansada, senta-se, deixando o vaivém das ondas molhar os pés. Entrega-se aos devaneios. “O destino gosta de brincar”. Durante a vida, anos e décadas depois, encontrou Roberto muitas vezes. Ele sempre acompanhado por novas esposas, que se sucederam no mais



cobiçado papel feminino, em novos cenários. O olhar dele a seguia e a fazia estremecer.

Certa vez, sozinhos, sob o luar, num vernissage, aconteceu um beijo, e o corpo dela vibrou de paixão. Ele insistiu em levá-la ao aeroporto e no carro beijou seus seios como nos velhos tempos e confessou a saudade. Mas não fizeram amor, nunca foram para a cama. Uma vez, Roberto perguntou o porquê do eterno não. Ela respondeu com um sorriso e mudou de assunto. Jamais se entregou à paixão por ele, “aquele vil traidor”. Nunca perdoou Roberto, mas chamou por ele baixinho, muitas vezes. Que desperdício, tanta ilusão!

Ele era a fantasia do príncipe, princípio de tudo, com quem queria aprender a fazer amor, ter filhos, netos, jardins, sonhos. Ana tratou o ressentimento como uma experiência científica. Anotou nos diários quando e como foram estes encontros. Tudo escrito em sua caligrafia miúda, exata, no caderno de capa roxa. Cenas dignas de uma trilha sonora dramática. Sugere no canto de uma página: Tango de Piazzolla e/ou uma canção do filme *Fale com Ela*, de Almodóvar.

Decide voltar ao hotel, apesar do movimento dos atletas da noite, em jogos na areia. Sente um arrepio de pavor, tem medo de ser assaltada. Escuta seus próprios passos pesados, coreografia insólita, inusitados versos novamente são trazidos pela saudade. Pensa: “Amei, desamei. Bem-me-quer, malmequer”. Tenta fazer as contas dos seduzidos. “Isto pouco importa, o importante é ninguém saber do ataque militar”. Analisa os riscos de a notícia vazar, imagina a bomba nas manchetes dos jornais. Brasil em guerra, “pareceria brincadeira, isto sim”.

De volta ao hotel, digita no Blog: “A realidade foi aquela bofetada na cara, o comportamento do primeiro amor. Aprendi cedo o preço da expectativa romântica. Não serei sonhadora como Fantine, mas somos iguais no desencanto. Confiamos na paixão, quebramos a cara. As ondas do mar da cidade maravilhosa são feiticeiras. Entre as bugiangas que oferecem na praia, a vida se oferece colorida, inútil, sob o Sol incandescente ou sob os beijos de um luar inesquecível”.

Desliga a máquina e monitora o coração: “ainda sinto a aflição do desamor. Tenho saudade, mas não muita. Não sofro mais, nem nas noites sem prazer, nem sonho com ele. A vida não é o que se quer. As praias guardam segredos de amores e guerras”. Percebe seu próprio olhar lúcido refletido nos espelhos, enquanto lava o rosto e suspira.

Outra vez, não pode mostrar a verdade. O ataque dos americanos é segredo de Estado. Paixão recolhida, encravada no peito de uma física nuclear orgulhosa, desde os seus 17 anos, não é fácil de lidar. A emoção ainda despedaça. Outros amores? Seria apenas rima inútil para dores. E a tal agressão militar ao Brasil? Só o silêncio a ocultar os horrores da traição e da violência dos políticos. A nata da ciência do país explodiu.

Ana apaga as luzes e chora.

## *O Cara Carioca*

A bailarina pegou no pé do Cara. Queria ser manchete, brilhar, ser capa, queria tanto aparecer que o ele deu no pé. O artista plástico também encheu o saco do Cara. Era um artesão sem talento, mas se achava o rei da cocada preta, que era deus do pós-modernismo brega. Achou tanto que o Carioca logo concluiu que era hora de cair fora.

O campeão de luta livre grudou nele. Cismou que era poderoso no gancho de direita. Jurou que era infalível, implorou patrocínio... E um beijinho, diziam as más línguas. O Cara nem precisou dar um basta. O campeão amarelou, fugiu do ringue, uma semana antes da luta do século, na capital do brejo. Na repartição, os puxa-sacos quebraram a cara. Não puxaram o suficiente, foram parar no olho da rua.

Na passarela, a magrela levou um susto. Caiu do salto, de saia justa. Tombo feio, sob flashes e flechas de olhares invejosos. O Carioca foi a pedra no caminho. Não pediu o teste do sofá para o qual havia ensaiado tanto. A magrela estava insegura quanto à gostosura de sua perereca.

A menina só queria namorar. Mas a rapidinha foi tão ligeira, que ela ficou chupando o dedo. Carinha sem-graça.

A mocinha que escrevia versos e gostava de vestidinhos azuis só queria chupar. Porém, o Cara teve medo de ser engolido por tanta paixão e vazou.

Na verdade, estava de quatro pela princesinha, a filha do delegado. Mas ela – a patricinha da roça – estava louca por um vaqueiro do Arizona, nem reparou.

Aí todos iam para a praça, depois da missa de domingo: a bailarina, o artista plástico, o campeão, os bajuladores, a magrelinha, a menina e a mocinha.

Trocavam palpites e concluíam:

– Ô, que Cara besta. Parece que ele não achou as palavras, nem o jeitinho pra lidar com nós. Só esse sotaque de xis chinfrim quando abre a boca e ainda por cima ruinzinho de cama. Quem sabe se aparecesse em cena com movimentos suaves, assumisse que é gay – brincou a bailarina.

– Talvez se botasse luz nas ideias, estudasse um pouco ou fumasse uma maconha que prestasse – concluiu o artista-artesão bidu.

– Quem sabe se ele abrisse a guarda, assumisse que é bi – conjecturou o pensativo lutador.

Em coro, os puxa-sacos da repartição fofocaram: “Se o tal poderoso ficou de quatro pela zarolha é porque é um quadrúpede mesmo”.

A magrelinha e a mocinha dos versos concordaram. Depois, suspiraram lentamente ao lembrarem o quanto era gostoso transar naquela posição. Adoravam sexo anal.

Nada disso o Cara babaca reparou. Voltou para o Rio de Janeiro, queixando-se da ingenuidade dos caipiras.

## *O Homem - Bomba*

Heibel era um adolescente rebelde de verdade. Não se adaptava ao sistema. Não curtia os prazeres do consumismo, detestava moda ou qualquer coisa que lembrasse futilidade ou vaidade. Revoltado com os valores da sociedade capitalista, queria mudar o mundo e acreditava no caminho revolucionário. Mas o quer dizer isso? Na prática significa: não brincava, não queria saber de festinhas como seus amigos. Nem shoppings, baladas ou raves. Sofria pelas diferenças sociais e se desesperava com as injustiças. Era um chato, empata-foda, irritante. Os mauricinhos o chamavam de Homem-Bomba.

Na adolescência, conspirava e suspirava pelos cantos. Participou de vários partidos de esquerda. Primeiro, o PC do B, depois o PPS e, mais tarde, o PT. Caiu fora de todos, decepcionado com a ignorância e oportunismo das panelinhas. Saturado das palavras de ordem, da mediocridade, mentiras e, frustradíssimo, jurou esquecer as bandeiras pops de fachada. Fez concurso público, casou-se com a primeira e única namorada e paixão. Foi lecionar numa escola, em Rondônia. Ganhava pouco, mas trabalhava com o coração. Alfabetizou muita gente. Ficou décadas praticando a poesia, nas madrugadas de insônia, inspirado pela natureza, sintonizado com a floresta e as águas.

No começo, era fissurado na estética do realismo socialista, louco por Maiakovski. Depois, aceitou outras vertentes, até chegar – finalmente – à conclusão de que arte não tinha nada a ver com ideologia. Amou a poesia como expressão humana, independente dos dogmas da luta de classe, aprendeu a brincar com a linguagem. Um dia, o conselho de pais da escolinha o escolheu como representante

para participar de uma reunião na câmara municipal. O assunto era a construção de bibliotecas e salas de aula.

A experiência reacendeu a chama da Política, e ele disse sim quando alguns alunos sugeriram que fosse candidato. Não fez campanha convencional. Nada de cabos eleitorais, nada de panfletos, palanque, promessas, mala de dinheiro, voto comprado ou troca-troca. A arma era olhar nos olhos, os gestos gentis, naturais, que faziam parte de seu comportamento espontâneo. Os adversários o chamavam de “ingênuo”.

Assim, Heibel, o ingênuo Homem-Bomba foi eleito. Surpreendeu analistas políticos que calculam o poder de fogo do candidato a partir de patrocínios, curriola e da grana que dispõem. Cumpriu seu mandato com distinção, não enriqueceu, não roubou, não transformou seu gabinete em cabide de empregos. Aliás, não fez nada, nada vezes nada. Não conseguiu emplacar nenhum projeto, passava as tardes escrevendo poemas. Fazia poéticos discursos em e logo ficou famoso. Falava de suas doces ilusões da juventude e da realidade que continuava insuportável à sua sensibilidade.

A delicada palavra batia fundo, ressoava. Destruía reputações, explodia qualquer fantasia. A verdade dura e crua surpreendia pela forma e significado, despertava sorrisos, iluminava. Logo foram parar nas letras de Rock, lamentos Sertanejos, efusivos Axés, bordão nos programas de humor e novelas. A poesia botou todo mundo para dançar no carnaval baiano, também animou o frevo de Recife e puxou ladainhas no interior de Minas e Goiás. Assim levado, Heibel se tornou ídolo popular. Até apareceu no Globo Repórter, no CQC e foi capa do New York Times. Fez a cabeça de dezenas de gerações e, em 2.334, foi lembrado ao batizarem um lindo planeta que seria colonizado por terráqueos e ETs de várias galáxias do universo.

*Moral da história: um ingênuo não muda o mundo, porém, sob certas condições, é mais eficaz que um exército de homens-bombas.*

## *A Floresta Encantada*

### - Entrevista com Gringo Cardia -

Gringo Cardia é sinônimo de comunicação visual de qualidade, em alto nível, de arte aplicada à vida cultural contemporânea, no Brasil e exterior. Artista versátil, atua como cenógrafo, designer, artista gráfico, arquiteto, diretor de videoclipes e diretor de arte. Assina excelentes projetos de capas, cenografias e figurinos para espetáculos de música e artes cênicas. Entre as estrelas, estão nomes como Deborah Colker, Chico Buarque, Rita Lee, Skank e Intrépida Trupe. Trabalhou com Antônio Abujamra e José Celso Martinez Corrêa e até as vitrines da H. Stern pelo mundo ganharam o toque de sua sensibilidade.

Em 2005, Gringo Cardia, profundo conhecedor da cultura e das expressões brasileiras e um dos nomes mais respeitados da cena artística, criou a mostra *Amazônia Brasil*, que apaixonou milhares de parisienses. Era o Ano do Brasil na França. Quando a exposição foi apresentada em Minas Gerais e destaque no IV Festival da Vida, em Mariana, de 12 a 19 de maio de 2007, Gringo concedeu esta entrevista exclusiva para a eNT Revista Eletrônica. Depois, *Amazônia Brasil* prosseguiu encantando pelo mundo.

#### **NT - Qual a concepção da exposição *Amazônia Brasil*?**

**GC** - Minha concepção foi passar a magia da diversidade da floresta e de tudo o que muitas pessoas estão fazendo a favor da preservação da Amazônia. Muitos projetos existem e muita gente não sabe. Quis juntar o nosso maravilhamento com esta imensidão

e dados concretos, científicos, de como a nossa vida depende da saúde da floresta. Mostrar a vida e a morte da floresta dependendo da atuação de cada pessoa do Planeta.

**NT - Como foi o processo de criação da mostra?**

GC - Viajei bastante pelo Amazonas junto com o Projeto Saúde e Alegria, que me convidou para fazer esta exposição. Tentei ver de tudo para mostrar uma coisa impossível de se mostrar. Trabalhamos muito com o ponto de vista dos projetos positivos. Procuramos ter a participação dos caboclos e artistas locais ao máximo para fazer uma exposição mais viva e verdadeira do ponto de vista de quem vive lá. Fizemos uma maquete do projeto e ocupamos seis mil metros quadrados do SESC - Pompéia, em 2002. A partir daí, foi uma sucessão de novas montagens sempre adaptadas a novos índices e realidades. A exposição se transforma o tempo todo.

**NT - Como sintetiza a diversidade e discute a importância desta floresta na mostra?**

GC - A diversidade é sintetizada em uma mesa de sementes imensa, onde as pessoas podem ver e tocar vários tipos de sementes que existem lá. As pessoas deliram com isso e, principalmente, as crianças percebem que o mundo é feito de muito mais coisas que eles conhecem. A importância da floresta vem logo após o encantamento que ela pode te provocar. Temos um conteúdo riquíssimo de dados reais de quem trabalha e vive dentro da floresta.

**NT - Quais elementos estéticos são essenciais para compreensão da importância da Amazônia?**

GC - É muito difícil representar uma floresta. O cenário mais difícil que eu já fiz foi tentar imitar uma árvore verdadeira para o Balé da Cia. Deborah Colker. Penei e custou uma fortuna. Imagine então representar a força estética da Floresta Amazônica! A única maneira que achei foi fazer uma floresta em miniatura em que as pessoas pudessem ver uma dimensão de verde e quanta coisa colorida está atrás deste verde. Animais, pessoas, culturas e, principalmente, respeito à natureza. Você tem que se deixar levar pelo encanto de encontrar tanta coisa linda atrás de toda esta mata.



**NT - Paralelo ao trabalho educativo, de revelar uma região, de que forma tratou a questão artística?**

GC - Tratei de uma maneira a fazer uma junção do científico com o humano e biológico. Usamos fotos de satélite que mostram a floresta como um corpo cheio de veias/rios que serpenteiam o corpo/floresta e dentro de cada pequena floresta, e de cada pequena árvore, um outro universo de sementes, animais e cores. É o universo dentro da mata. Quis fazer um confronto entre escalas, mostrando as várias faces da floresta.

**NT - Seu trabalho é marcado por parcerias com artistas que desenvolvem a linguagem contemporânea, de vanguarda. Em Amazônia Brasil como lida com a sofisticação e a necessidade de comunicar e interagir com o grande público?**

GC - Sempre fui um artista versátil que procura aprender com suas parcerias. Acho que o trabalho da gente fica mais vivo quando você faz de coração. É com essa força e a vontade de mudar o mundo que a gente mostra a Amazônia, que muita gente não conhece direito. Para mim é uma mistura de didatismo e encantamento, tentar fazer com que as pessoas se interessem pelos dados através do encantamento. Gosto da arte popular e da maneira como as pessoas encontram criativamente de sobreviver com dignidade e beleza. O papel do artista visual numa exposição como esta é mostrar a beleza nas pequenas e grandes coisas. Da caneca do caboclo à árvore de 50 metros. As pessoas se emocionam vendo estas coisas simples sendo mostradas através de uma ótica diferente em um espaço de espetáculo da exposição.

**NT - Na Amazônia, o que te impressionou?**

GC - Me impressionou a majestade da floresta e a imensidão de uma região virgem, onde a natureza é que domina o homem e não o homem que quer dominar a natureza. A grande deusa-mãe, verde. Me impressionou o respeito que os povos da floresta tentam ter com a natureza e de como centenas de projetos se dedicam a mostrar ao mundo a importância de se preservar este território. Estas pessoas estão ali arriscando as suas vidas em detrimento de mostrar ao mundo que é possível manter uma região com um desenvolvimento sustentável,

mais lento, mas conscientes de futuro e respeito do que campos de soja, hidrelétricas sem estudos de impacto e estradas aniquiladoras.

**NT - Na Europa, como a exposição repercutiu?**

GC - Foi muito legal ver aquelas pessoas colocando as mãos nas sementes. As pessoas viajam no espaço através do tato. Ficam muito curiosas com tudo e leem muito. Nossa exposição foi a mais visitada no ano da França Brasil. Ficamos em Paris e quase 200 mil jovens visitaram a floresta.

**NT- E no Brasil?**

GC - No Brasil é impressionante como as pessoas não conhecem a Amazônia. Todos se emocionam também e pela exposição dá para perceber como as pessoas se sentem distantes daquilo. A exposição tenta quebrar esta barreira e acho que tem conseguido. Muita gente já se engajou com trabalhos positivos e ela é um trabalho formiguinha de uma consciência crítica de que precisamos cuidar da nossa floresta.

**NT - O olhar do brasileiro enxerga a dimensão da floresta?**

GC - Não consegue ver a dimensão.

**NT - De que forma a arte, em suas mais diversas expressões, tem colaborado para ampliação da consciência ecológica?**

GC - Acho que você trazer para o palco do espetáculo, da exposição, coisas naturais, dá um valor diferente a estas coisas e faz as pessoas perceberem a riqueza de estética e vida que está atrás da diversidade. A arte transforma a percepção das pessoas e permite assim que você entre no assunto através da sua sensibilização. Sentir a floresta é vivê-la.

**NT - E o Festival da Vida, qual o papel deste evento numa sociedade sem valores humanistas? Ele representa uma utopia? Qual sua opinião?**

GC - Acho fundamental a busca das utopias. Só elas podem salvar o Planeta. Acho que as pessoas mais conscientes do Planeta estão ligadas em formar uma rede de propagação de experiências positivas. Em momentos de escuridão é que florescem grandes pensamentos. O Festival é maravilhoso, pois tenta agregar estas pessoas e difundir uma esperança para a vida.

**NT - Onde mais Amazônia Brasil será vista?**

**GC** - Estamos montando uma exposição paralela a esta no parque Bavaria próximo a Munich que será inaugurada pelo presidente alemão, depois seguiremos para Berlim e, ano que vem, temos agenda para a Inglaterra e Estados Unidos e Japão.

**NT - Em que projetos você está trabalhando?**

**GC**- Tantos que nem me lembro de todos. Vou listar, Ok? Afroreggae, direção de arte e cenografia, Londres e Hannover; Deborah Colker, Companhia de Dança, em Berlim e Londres; Capa do CD de Vanessa Da Mata; Capa e novos trabalhos de Maria Bethânia; Cenografia do show de Ana Carolina; Exposição Estética da Periferia, em Recife; Prêmio TIM de música; Estande Sebrae Fashion Rio; Peça de Pedro Cardoso, *Os Ignorantes*, em Londres; mostra do meu trabalho no Rio de Janeiro, em setembro, Minhas Escolas, ONGs SPECTACULU e Oi Kabum, no Rio, e muito outros menores, ou nem tanto...

*(A entrevista, com imagens, está publicada na eNT Revista Eletrônica [www.nadiatimm.com](http://www.nadiatimm.com)).*

## *Às Mães. Mãe!*

Começaram novamente os preparativos para o Dia das Mães. Ela sente um arrepio na espinha quando lembra de uma, basta uma, chantagem emocional de sua mãe. “Oh, filha ingrata, tantos sacrifícios eu fiz, até fiquei casada com seu pai, até deixei de estudar, e ...”. Quando se recorda de sua mãe, também lembra da avó, tão feroz e distante. Gostaria de saber de onde vem a decantada maravilha de ser mãe. Quando vê uma mãe, enxerga um capacho, quando muito, uma babá esforçada.

Lembra: Quando fui mãe, na verdade, sentia-me uma máquina, sem direito ao sono, refeição, paz. Afinal, onde está o reino no qual a mamãe reina? Só se for na cozinha, no tanque ou ralando em algum trabalho para pagar contas dos filhinhos. Ou se submetendo a algum casamento-prisão, sem prazer, murcha, raivosa, remoendo frustrações.

Ah, e também tão preocupada com o que os filhotes vão ser na vida. O filhotinho está crescido, barbudo, transando muito. Mas a mãe ficou míope, ainda vê o bebê, onde existe um homem ou uma mulher, adultos. Oh! E quanta preocupação com as drogas e as amizades. As mães também são desmemoriadinhas, esquecem dos baseados e das farras da própria juventude... É verdade! Essa coroa aí, com o corpo disforme, te passando a conta por tudo que deixou de fazer e por tudo que ainda faz por você, um dia foi uma bela gata, cheia de amor pra dar. Era tanto apetite que, por um descuido, acabou grávida de você e por tabela teve de suportar a amarga tarefa de ser a esposa de seu pai. Ana Rita acende mais um e continua desabafando. Está puta da vida

porque brigou de novo com a mamãe e agora com toda a propaganda e pressão emocional da data se sente na obrigação de fazer as pazes. Você sabe como é... Mãe leva a culpa de tudo.

Ana Rita se lembra de todos os podres da velha. Velha? Que que é isso? Do outro lado do mundo um belo exemplar de uma mulher da terceira idade se enfeita. Não é daquele tipo ridículo não, que fantasia estar na melhor idade. É do tipo superanalisada, psicanalisada, que agora está livre para viver, exultante, “tipo Sex and City, com todas suas frivolidades e delícias de cama e mesa. Sabe aquele porte de rainha da Fernanda Montenegro? Da grande mãe personificada. Uma energia intensa, linda”, ela se define assim mesmo e pensa: “Mães e seus filhos da mãe, sempre tão grudados e tão distantes. À merda este dia, com seus apelos piegas. Existe violência maior do que gerar um outro ser, ser sugada, rasgada, costurada, culpada para todo o sempre por ter ousado colocar mais um, neste planeta desumano?”

A mãe de Ana Rita foi de dar birra, quebrar copos e vidros das janelas da casa. Teve ataques histéricos porque seus bebezinhos tinham chegado bêbados de madrugada. Já se fez de vítima, de muito doente. Fingiu tanto que acabou adoecendo, de depressão, estresse, falta de namorado, marido gay, todo aquele monte de insultos que servem para o desleal jogo de culpa. Agora está sozinha, sem melancolia e cheia de amor pra dar. “Sozinha”, diz.

O telefone não vai tocar no domingo. Ana Rita mudou para Nova York e não deixou o endereço. Agora a filha cisma: “E, cá pra nós, isso de Dia das Mães é só mais uma data para estimular o comércio. Xapralá”. Vai até a janela curtir as cores do anoitecer, toma um gole de vinho e tem um acesso de riso lembrando da imagem “filhos-bonsais”, na redoma, com os galhos e raízes aparados, ao alcance da família manipuladora. Agora as duas estão livres. Corre para o computador e pela Internet chama a mãe. Morrendo de rir fazem um brinde ao papel de mãe que se foi. “E viva a mulher cheia de tesão em todas as idades”, brincam. À distância, juntas.

## *Folias de Amor e Guerra*

O Carnaval já estava no ar. Era um clima de batuque, fantasia, viagem para o litoral, feriadão, naqueles primeiros dias do século XXI. Uma semana antes, os roqueiros mais famosos do mundo chegaram ao Brasil e, junto com eles, matérias iguais nas televisões, rádios, jornais, portais. Rolling Stones nas areias de Copacabana! E dá-lhe chavões. Dinossauros do Rock repetiam as colunas sociais sem imaginação. A mesma receitinha intragável, idêntica, sem criatividade.

– Vontade de curtir esse Rock de boutique – repetiu Mariana, enquanto tentava espremer uma espinha, olhando-se no retrovisor do carro. – Ta certo, os caras são feras. Mas pô, que saco!... Não tenho grana para ir até o Rio como a caipirada está fazendo. O Mick Jagger magrinho, macaco aos pulos de Satisfaction e eu aqui parada numa cidadezinha de merda, no cafundó do Brasil.

Mariana acelerou, furou sinal, fez um gesto obsceno para o motorista ao lado. Tudo isso ao mesmo tempo em que passeava em devaneio, nas lembranças dos videoclipes. Dias depois, os escoceses chegaram.

– Bom, agora sim, é puro punk! Mas estou sempre sem dinheiro, droga! O jeito é encarar aquela merda de cobertura da televisão. Mariana deitou no sofá da sala, com o laptop no colo e de olho na telinha.

Bono, muito bom. Quanta poesia, Beautiful Day. “Brazil é um país muiito bonito!”. Repetiu mais uma vez, no ritual da poesia cantada. Via, ouvia, disparava e-mails: “melhor que a cobertura dos

Stones”, teclou no MSN usando o nick Miss Sarajevo.

Mocinha feliz essa tal Mariana, feita de dias ensolarados, vida vidinha de barriga cheia, alegrias adolescentes. O telefone toca...

– Alô, Pancada! Eae véi. Curtindo a maior sonoterapia? Eita carnaval, bom, hein?

O celular canta...

– Alô, mãe. Estou comendo bem, sim. Não, terminei o namoro, estou quietinha em casa. Aproveitando pra ficar meditando. Só relax.

O Skype geme...

“Opa, Lúcio. Tudo ótimo. Não quero conversar nada com você, por enquanto. Não fiquei chateada, não é isso. Mas não rola mais, vou procurar minha turma e você procura a sua. Tchau”.

O Messenger buzina...

“Sim, pai. Fiquei sabendo que a terra tremeu em Alto Paraíso. Ainda bem que não fui acampar. Tem notícia da galera?”

Desliga todos os aparelhos. Senta na escada, com uma laranja numa mão e a faca na outra. Fazia tempo que não assistia ao pôr do Sol, nem ficava sozinha tantos dias. Precisava da solidão. Tinha muito que buscar nos baús do sótão, queria ler a papelada que encontrara por acaso, há semanas, em plena faxina. A caligrafia bonita, harmoniosa, arredondada contava uma história comovente, de outros tempos, de outra era. Eis as anotações. Era uma vez...

*Segunda-feira, 4 de abril: Estou cansado de passar dias e noites fechado neste cubículo, assistindo à vida do alto, vendo de cima a rua pouco movimentada, os quintais com seus lençóis pendurados. Sou vizinho de gatos e morcegos. Minha paisagem são os telhados. Talvez esse sofrimento todo não faça sentido nem mereça ser traduzido em palavras. A luta armada é uma missão dolorosa, uma guerra civil nos bastidores, enquanto a vida prossegue calma e boa para outros. Tenho de ser forte e suportar esta semivida nas sombras. Eu e meus fantasmas. Sinto que recuperei um pouco as forças, mas não recuperei a fé. Acho que está tudo perdido. Pelas frestas do piso e das paredes escutei a conversa, enquanto tomavam chá.*

Os prisioneiros foram levados para o Rio de Janeiro. Falavam aos sussurros. Ainda procuram por alguém, um homem ou uma mulher. Quando ouvi isso, agradeci aos céus. Está viva. Em algum esconderijo naquele vilarejo, na mata ou em alguma fazenda. Ela está viva! Agora, sim, tenho um motivo para seguir pelejando. A batalha perdida, o amor perdido.

**Sábado, 11 de abril:** Eles se sentaram à mesa e brindaram as reuniões familiares. Ouvi os risos das crianças, uma dúzia de netinhos correndo pela casa. Alguém forçou a porta e despertei assustado. Do outro lado, a voz de criança reclamava. Puxei uma mesa e mais uma cômoda para trancar a porta, mas foi desnecessário. Dona Pilar veio correndo impedir que a meninada insistisse em forçar o trinco. Dona Pilar é minha tia-avó, e estou preso num sótão com minha árvore genealógica inteira a me assombrar. Sou um covarde que chora a solidão e se esconde.

Vieram novamente me procurar, trouxeram notícias do front. Todos mortos. Sinto febre, escuto os passos subindo as escadas. Lembro de Paris, quando subíamos as escadas aos beijos e abraços. Na Espanha, a escadaria da Escola Militar, os degraus em Veneza. De onde vêm estes fantasmas? Pergunto à idosa tia querida que chega devagarzinho, com passos leves. Na madrugada, enfrenta o frio para trazer um prato de comida, frutas, vinho. Sinto fome. Mas outra fome, de vida. Vontade de partir, porém, a fronteira está vigiada. Há perigo em cada esquina.

**Domingo, 12 de abril:** Acho que recuperei o movimento das pernas. Logo vou partir. Escuto os sinos das igrejas e assisto às ovelhas tomarem as ruas ao seu chamado. Hoje um casal de ingleses visitou Pilar. A senhora é amiga de minha tia desde os tempos do colégio interno. Consegui ouvir algumas partes da conversa e descobri que Luísa escapou graças ao noivo que arrumaram para ela. A família conseguiu fazer desaparecer a denúncia, o processo. Luísa não será mais nossa brava guerreira, senhora dos novos tempos. Luísa será mais uma rica burguesa. Minha tia providenciou o cavalo e documentos falsos. Mais alguns dias e parto para a Europa. Adios sueños. O ditador teve fôlego,



*perdemos a revolução, apesar do cuidadoso plano. Parecia perfeito. Não consigo atinar quem foi o delator, se apenas eu escapei com vida. Quero dizer, eu e Luísa. Daqui vejo a revoada de pássaros ao entardecer. Não consigo escrever um verso. Parece que até a poesia dói.*

**Sábado, 5 de maio:** *Eu e Luísa. Tive a certeza de que foi ela quem nos traiu. A febre voltou junto com as dores lancinantes no estômago. Ela matou os doze homens. Nos meus pesadelos eu a via com asas enormes, suas garras cravadas nos corpos e uma gargalhada ensandecida. Luísa atrasou porque havia nos delatado. Chegaram atirando. A traidora não estava conosco, e só escapei porque tive a sorte de ter saído no instante em que invadiram nosso esconderijo. Eu tinha ido fechar a passagem, estava preocupado com os cães que latiam muito, escutei as explosões das balas e não voltei para ver o que tinha ocorrido. Saí correndo pelos quintais e me escondi no galinheiro de Tereza Sem Queixo, a louca. [...] Luísa, uma traidora! Isto doeu mais do que as balas que atingiram meu corpo. Mais do que esses meses que vivi trancado neste sótão escuro e frio. Nunca vou entender. Lembro dela menina, atenta às histórias das guerras e revoluções, louca para aprender a atirar e usar a espada e as facas. Aprendendo comigo, também às escondidas, as artes do amor. Ela gostava de contar que era filha adotiva, porque sua mãe era uma amazona que partiu para a guerra e a entregou para as freiras cuidarem. Nada faz sentido. Tia Pilar, sábia, me ensina a ter paciência. Com mais de 80 anos, ela se arrisca nos degraus íngremes para me trazer os mantimentos, me consola, repete que conheceu muitas guerras e nenhuma lhe pareceu justa. Não vou contrariar a gentil senhora de cabelos brancos, sempre impecável com seu vestido azul-marinho e sorriso carinhoso nos lábios. Finjo que rezo, que a acompanho no terço, enquanto penso nas vitórias do general. Napoleão, em nossas Américas, esta semente há de brotar!*

**Domingo, 18 de maio:** *A lembrança de Luísa me enlouquece. Não posso partir sem vê-la. As dores nas pernas voltaram. Minha tia se desespera, quer trazer um médico, mas não posso correr este risco. O plano para fuga está pronto. Já sei a data que o navio chegará ao*

*porto. A conversa das comadres é que a paz está perto. Argentina e Brasil já acertaram os termos do armistício. É só o que sei. Nos diálogos entrecortados por ruídos de xícaras, o tema principal são os namoros e casamentos. Também falam das modistas, bordados e da saudade de filhos e netos que partiram para a guerra. Dona Alicia que foi minha professora, certo dia pronunciou meu nome, mas não entendi o contexto do diálogo. É uma mulher imensa, loira, descendente de dinamarqueses e espanhóis, sempre vigiou minhas leituras e não se conformou quando parti para a escola militar. Teve sete filhos, cinco morreram nas guerras. Mudaram de assunto. Evitaram as lágrimas, falaram de receitas e dos enxovais para a noiva, a filha do capitão, que vai se casar. Só consigo pensar em partir e na dúvida que terei de suportar até o fim dos meus dias. Por que, Luísa? Tenho certeza de que vou sobreviver. Aqui nos dias e noites silenciosos consegui perceber a minha força, e ela é maior do que imaginava porque vem da convicção de que vale a pena lutar. Partirei para uma nova vida e vou guerrear em outras revoluções. O general está morto, mas a sede de liberdade é perene.*

*Segunda, 26 de maio: O padre esteve aqui. Tia Pilar o trouxe, apesar dos meus protestos. Suportei o discurso dele, a reza, as palavras de consolo, para não magoá-la. Disfarcei meu desprezo à religião que os ensina a se ajoelharem, se humilharem para um Deus feito de ouro e poder. Tenho de partir. Agora, depois da bênção divina sinto que corro perigo.*

Fim das anotações. Mariana queria mais. Revirou baús, gavetas de armários e estantes. Nada. Só aquelas folhas amarelas, amarradas com uma fita, haviam chegado às suas mãos trazendo palavras que despertaram o sentimento de vazio e a vontade de amar. “Quem seria aquele personagem, que ancestral era este? Ou não seria algum antepassado?”. Na Quarta-feira de Cinzas, passou a tarde na biblioteca do Patrimônio Histórico. Cheiro de mofo, sala escura, funcionários obtusos, tão tristes como uma tarde fria e chuvosa, comparou

Mariana, que sonhava encontrar a pista de alguém.

Alguém que toma forma de homem em seus sonhos, feito de lembranças, fragmentos de filmes, novelas, romances água com açúcar, clássicos da literatura pornô, revistinhas de quinta, sites de encontro. Um homem sorrindo e de braços abertos, prontos para embalar sua amada. Relê as páginas. “Quanta bobagem! Ele não existe mais. Se é que existiu algum dia. Será que nunca transaram?” Ao lembrar tamanha paixão, Mariana fecha os livros e a mochila, sai apressada. Sim, ele existiu. Nome: José de Arimatéia Lopez Gunther Romero. Profissão: médico militar. Morreu aos 36 anos, em Bogotá, em duelo.

Republicano, liberal, poeta. Escreveu panfletos, jornais, livros, perdeu todas as guerras. Porém, Mariana não sabe disso, nem descobrirá agora a biografia dele, no livro da terceira estante, ao lado do corredor para o banheiro. A moça tenta se situar, tem pressa, quer fugir do vazio. Pensa: “Não estou no século XIX, não estou em Paris, nem nas páginas de um romance”. Recorda de seu último namorado, enquanto acende o baseado. Nome: Márcio Andreas Ribeiro. Estudante de Engenharia, 26 anos. Vive em São Paulo, às vezes trepa bem e só aparece nas férias. “Quem me importa é quem existe. O cara que me dá algum prazer. Algum gozo é melhor que nada”.

Mariana se olha no espelho. Em voz alta repete sua própria idade, peso, altura. “Putz, como sou ignorante, limitada, bitolada. Sei a ficha burocrática. Reduzida a números, medidas que não revelam minha dor. Penso, existo e sou uma ameba. O máximo pra mim é um belo orgasmo de vez em quando, muito de vez em quando. Isto é o fundo do poço”.

No carro, liga o som e sai cantando pneus. A festa do Carnaval tinha terminado, hora de viver a vidinha. Porém, algo acontecera. Mariana sorri, de repente. Lembrou que o amor e o sonho existem em qualquer época. Estava feliz e a sensação de alegria aqueceu o corpo, como uma chama, fogo, vontade de viver. Com o coração em festa, acelerando, sente que o Carnaval é muito mais do que três dias.

## *Artistas de Plástico*

Os “artistas” sonham ser notícia de jornal, nem que seja nas colunas policiais. Saltar da tela da tevê, dizer que são contemporâneos da modernidade. Nos papos nos botecos, falam que são assessores para assuntos aleatórios.

E nas festas das socialites? Ah, são iluminados que trazem brilho, luzes e purpurinas. Falam “ninguém pinta como eu pinto”, isto é, pintam sob prescrição médica do decorador. Juram inovar na arte, com seu colorido que combina os cabelos dos tapetes, os pelos das estátuas, as reveladoras manchas do sofá procurando mostrar fielmente a realidade dos clientes.

Muito ocupados, não têm tempo para banhos. Refeições, só nas festas dos políticos ou beneficentes. Foram à escola, mas não avisaram que tinham de estudar e não somente passar, aí é preciso encontrar um tradutor para comunicar com eles, e até entre eles mesmos.

Têm sede e fome de sucesso, mas acabam no stress. Aí viram bicho! Borram nas intrigas, dão primores de vexames. Alérgicos aos críticos, sofrem urticárias às críticas. Depois, arrependidos e infantis, chorando, puxam o saco de todos e esquecem de coçar o próprio.

Aspiram prêmios, nem que seja de papel e caneta para o autógrafo. Também aspiram viajar para Paris, Londres, Disney... Só se for de trem porque de avião, nem pensar! E aos novos tempos, nova arte, a contemporânea, dizem “tô fora, só vou até aqui”. Brasília é outro planeta. SP? Outra galáxia!

Limitados, ficam vigiando uns aos outros, ninguém pode ser mais artista do que ele, a não ser que tenha umas certas carteirinhas.

Sonham ser Siron, cochicham, fofocam, falam de qualquer renomado, num misto de amor e ódio, dizem “vou ser ele amanhã, na próxima bienal sou a bola da vez”. Por quê não?

Uns vão à rua, grafitar nos muros ainda é moda, até que são bem remunerados. Até a polícia se torna cúmplice fazendo vista grossa. Alguns, vão à feira e se tornam renomados artesãos. Outros enlouquecem ou empobrecem.

Dizem as más línguas que são bichas, macumbeiros. Doidos, que vivem à margem, envolvidos com as suas proezas artísticas. Assim são no mundo inteiro. É a sina de um “artista”...

## *A Dança da Flor de Lótus*

Alice atravessa a 2ª Avenida, falta pouco. Já avista os sinais da ONU. A manhã gelada expõe sua condição de recém-chegada: o casaco usado, as luvas que não aquecem o suficiente. Sente falta de pão e café, nas manhãs e de seu amor, ao entardecer. Não reclama. Seus olhos brilham quando lembra que está em Nova York, sem grana, mas com alegria profunda. É a certeza de que o sonho está se realizando, vai dançar na Broadway. São apenas duas coreografias, o suficiente para se sentir a mais feliz dos mortais.

Alice não quer pensar na morte, novamente. Tenta conter o pensamento circular e giratório que invade suas noites de solidão. A mesma cena, a tristeza pesa na lembrança. Não, não quer pensar nisso. Quer visualizar o teatro lindo, gigantesco, com sua arquitetura secular imponente, quer guardar a emoção do salto, sensação de voar, êxtase e aplausos. Fecha a cortina. Fecha os olhos e sente novamente os lábios quentes de seu amor. A mesma sensação ressurge. Rompe a ciranda das lembranças, agora, sim, tem a certeza de estar viva.

Ama Nova York com o amor dos deslumbrados. As tulipas dos vasos nas ruas nascem também em seu coração. Canta um *good morning* aos desconhecidos pelo caminho: iranianos, mexicanos, brasileiros, italianos, chineses, indianos e egípcios. Na babel de pedra e flor, vibrando a plenitude de seu ser, esta essência que não pode ser comprada nas lojas da 5ª Avenida.

Sorri, *sorry, excuse me*, sente-se mágica como os anúncios da Times Square. Depois da fila e do vento frio à beira do rio Hudson, uma nova alegria ao chegar às lojas das Nações Unidas. O som

ambiente traz o Brasil de sotaque nordestino, no refrão “Ela só quer, só pensa em namorar”. Alice e seu bom humor, cantarola acompanhando a canção. Desta vez, é o carrossel de imagens românticas, algumas eróticas, do prazer de amar e de fazer amor. Lembra de seu namorado nas garras da educação tradicional da família brasileira. Um rapaz de 28 anos, sem profissão, ainda estudante, ainda na casa dos pais.

Ela é corajosa e independente, ousa desafiar o medo e se imagina encarnação da Liberdade. Acha muita graça na metáfora, ela não é uma estátua, e está conseguindo escapar das armadilhas da lógica e das emoções. Naquele momento, afasta as aflições, não se lembra do pai na prisão, da mãe ensandecida colocando fogo na casa.

Alice tem uma nova história: o cenário é composto pela geometria da capital do planeta Arte. O traçado vertical dos prédios, o ângulo perfeito cravado em seu coração jovial de brasileira que sabe dar seu jeitinho para ser feliz. A arquitetura de Manhattan, a textura dos paredões e seus tons, os corredores-ruas, o ritmo da vida subterrânea, do pulsar do trânsito, as cores do céu na Primavera, o ar festivo do Central Park. Sente a cidade vibrar em seu corpo. Multicolorida, multirracial, poliglota, capaz de sonhar e ser sonho.

Os limites ficaram no Brasil. A violência e a loucura são pesadelos de outra personagem. Daqui a pouco, entra em cena. Feito beija-flor, desliza, Flor de Lótus desabrocha ao som de Mozart. Na ponta dos pés, a amplitude dos braços esculpe no ar, com seu gesto fugaz se transforma em deusa da beleza.

Os textos conferem com os originais, sob responsabilidade  
integral da autora.



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ELABORADA PELA  
EDITORA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
E IMPRESSA NA GRÁFICA KELPS

---

Rua 19, 100 St. Mal. Rondon. Goiânia, Goiás. CEP. 74.560-460  
Fone (62) 3211-1616 – Fax (62) 3211-1075  
site: [www.kelps.com.br](http://www.kelps.com.br) | email: [kelps@kelps.com.br](mailto:kelps@kelps.com.br)